

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



One foot out of the Closet,

**As Relações Românticas na Geração de 1990-2004,
enquanto forma de influência Social e Política**

APÊNDICES E ANEXOS

Ana Rita Gonçalves Lopes da Silva

Trabalho de Projeto

Mestrado em Arte Multimédia

Especialização em Artes Interativas

Trabalho de Projeto orientado pela Prof(a). Doutora Patrícia Gouveia e pela Prof(a).

Doutora Cristina Sá

ANO 2022

APÊNDICE A

TERMOS BASE

1: *orientação sexual* - padrão de atracção sexual ou emocional por determinado sexo ou género.

sexo - características sexuais biológicas e fisiológicas que podem ser identificadas à nascença (mulher, homem, intersexo, entre outros). [diferente de sexualidade, orientação sexual ou identidade de género]

identidade de género - características sociais relacionadas com o entendimento e experiência pessoal de cada indivíduo acerca das noções de masculinidade, feminilidade e/ou androginia. Trata-se de uma questão de auto-percepção e não está presa a qualquer fator externo. Uma pessoa pode ser cisgénero (o seu género corresponde ao sexo que lhe foi atribuído à nascença), transgénero (termo amplo que inclui diversas identidades diferentes, pode identificar-se com o género binário oposto ao sexo atribuído à nascença ou ser não-binário) ou qualquer outro termo que melhor se enquadre ao indivíduo, sendo algo expansivo e capaz de mudança.

expressão de género - a forma como uma pessoa escolhe apresentar o seu género para o mundo que a rodeia; inclui roupas, maneirismos, pronomes, nomes, entre outras características que socialmente associamos a géneros;

[Estes quatro termos estão interligados, no entanto, são completamente independentes. A identidade de género de uma pessoa pode influenciar a sua expressão de género, mas a leitura e interpretação externa que é feita sobre a expressão de género de alguém nunca define a sua identidade; simultaneamente, em nada determinam a orientação sexual de um indivíduo;]

2: *kinks* - características peculiares; idiosincrasias; gostos ou comportamentos sexuais inconventionais; forma inteligente e fora do normal de fazer algo.

3: *invert* - alguém que sofreu uma inversão, uma mudança de forma, ordem ou posição; costumava ser um termo degenerativo utilizado para se referir a homossexuais, como “inversão sexual”.

4: *sodomite* - aquele que pratica sodomia; a definição de sodomia foi sendo alterando ao longo da história da comunidade *queer*, fenómeno analisado em mais detalhe na página 5.

5: *sapphist* - referente a Sappho, a poeta lírica grega da ilha de Lesbos e uma das primeiras representações de amor entre mulheres na cultura, levando à criação do termo lésbica.

6: *dyke* - termo degenerativo utilizado para se referir a mulheres lésbicas, principalmente as que demonstram características tipicamente masculinas; equivalente português de sapatona.

7: “*closet*”/*armário* - divisão privada; local mais secreto na casa, apropriado a estudos privados; *skeleton in the closet*: problema escondido numa casa; Figurativo: covil de uma besta selvagem;

8: *heterosexista* - discriminação ou preconceito contra homossexuais com base na assunção de que a heterossexualidade é a sexualidade normal/natural.

9: *racismo* - “a crença de que os humanos podem ser divididos em categorias biológicas separadas e exclusivas chamadas ‘raças’; crença de que existe uma ligação casual entre traços físicos herdados e traços de personalidade, intelecto, moralidade e comportamento e consequentemente, de que existem ‘raças’ inerentemente superiores a outras. Racismo sistêmico: quando as instituições e sistemas políticos, económicos e legais perpetuam discriminação com base nesta crença, reforçando as desigualdades raciais em riqueza, acesso à habitação, educação, saúde, direitos civis, entre outras” (Smedley, 2021).

10: *capacitismo* - “a discriminação e o preconceito, intencional ou não, contra pessoas com deficiência, baseado na premissa de que estas são inferiores e têm de ser curadas”; conjunto de opressões presentes no acesso à educação e ao emprego, transportes e espaço público, no acesso e respeito aos seus próprios corpos, cuidados de saúde e, em particular, à saúde sexual e reprodutiva” (TABOO? [@projetotaboo], 2020; Esquerda.net & Santos, 2021).

11: *gordofobia* - refere-se ao estigma social da obesidade, a assunção preconceituosa de características de personalidade baseadas no peso de uma pessoa; forma de discriminação que determina que uma pessoa obesa ou com peso mais elevado tem um valor reduzido em termos físicos, intelectuais, morais e em relação à sua saúde, assim como todas as atitudes e comportamentos que ocorrem com base nesta crença (Dolhoff, 2021).

12: *classismo*¹¹ - “discriminação baseada na classe social” (“Classismo,” n.d.).

13: *male gaze* - “forma sexualizada de olhar, que dá poder aos homens e objetifica mulheres; dentro deste olhar, a mulher é posicionada como apenas um objeto do desejo masculino heterossexual tornando os seus sentimentos, pensamentos e próprio desejo sexual menos importantes” (Mulvey, 1989; Loreck, 2016).

¹¹ classismo. (n.d.). In *Priberam*. Priberam dicionário. Retrieved February 24, 2022, from <https://dicionario.priberam.org/classismo>

APÊNDICE B

Transcrição e detalhes das partes mais relevantes das conversas, entrevistas e *focus groups* realizadas no contexto de pesquisa para esta tese.

1. *Focus Group* realizado em janeiro de 2021 – link: www.youtube.com/watch?v=0Ld0pvOLBJ8



Figura 6.1 - algumas/alguns das/os participantes do *focus group*

- comunidade queer: sofrer mas com apoio
- vontade de estar sozinha, jornada introspectiva
- vontade de comunidade, grupos de amigos
- relações poli, de grupo, de comunidade (que vivem juntos, que obtêm uns dos outros o que necessitam para serem felizes, sem rótulos, companhia, amizade, empatia)
- família: mais do que filhos (amigos, comunidade, animais)
- ambiguidade nas relações, platônicas, românticas, amizade, romance, companheirismo
- vontade de amor próprio, conseguirmos estar bem em solitude, aprender a estar sozinhos
- apenas 1 em 11 pessoas falou em vontade de ter filhos
- pressão social: 11/11 pessoas

- pressão família - avós: “quando vais casar ou ter um filho?”
- pressão própria, a partir do que as pessoas ao nosso redor disseram e/ou a partir das músicas e filmes que vemos
- pressão dos pais: quando se volta a casa, sempre que acontece alguma coisa: “se tivesses um namorado podia ajudar” - O namorado como solução para tudo - isto levanta logo imensas questões na sua cabeça “existe uma regra? tem de ser um namorado homem? e só um?”
- demora e é difícil desconstruir esta ideia e aperceber-se que realmente não existe regra nenhuma, mas sim muitos caminhos diferentes para explorar
- pressão que limita e que dificulta o processo

- heterossexualidade compulsória:
- bissexualidade como um rótulo “seguro” por haver a possibilidade de ainda “se acabar com um homem”
- estar numa relação com uma mulher: sair do safe space, impossibilidade de partilhar com as pessoas próximas a sua felicidade, de contar a alguém, obrigatoriedade de esconder na rua, não contes ao teu pai ou aos teus avós, evitar perguntas da família
- quem sabe? quem não sabe? em quem posso confiar?

- expectativa geral de estar numa relação, pessoas que se forçam a estar numa relação por verem os outros
- sentimento de falha: o que falta em mim? o que está errado comigo? porquê que todos os meus amigos já experienciaram um ____ (beijo, experiência sexual, relação séria, etc...) e eu não??
- assexualidade: toda a gente comenta e experiencia atração e ela não sentia, então sentia que havia algo de fundamentalmente errado - apenas acontece porque há uma romantização tão grande do que são as relações em todo o nosso consumo e é uma prática tão heteronormativa a de termos relações só para nos fazerem felizes

- relação próxima com a família: ao mesmo tempo, a avó pressionar muito para o casamento, constantemente a referir o quão grande é o desgosto por ainda não ter conhecido o seu namorado - dor constante
- religião, família religiosa: ameaças constantes, medo impingido “vais para o inferno, mais valia não teres nascido, quem me dera que fosses mais como a tua irmã...”
- por outro lado: experiência positiva na igreja durante toda a vida, de repente querer falar de si própria enquanto lésbica nesse meio causou alguma estranheza - no entanto, a mensagem de “deus aceita toda a gente” foi positiva porque deu uma segurança e força de “se não me aceitarem, eles é que estão mal, eu sei que deus aceita todos”
- olhando para trás é possível olhar para momentos e fatores específicos que influenciam a forma como hoje me sinto em relação ao meu corpo e à minha sexualidade. uma delas é a religião: eu andei na cataquese, vivia puramente convencida que sexo era um pecado, inclusive desisti do hiphop porque me lembro de pensar que era uma dança demasiado sexual e que por isso deus não estava contente comigo
- também me lembro de pensar: ok, tenho de pensar menos em sexo, deus não está feliz. ou, não me posso masturbar, deus não vai estar feliz
- lembro-me de associar e de ter medo que um exame me corresse mal, porque eu me masturbei no dia antes, sempre que acontecia algo de mal, culpava-me e o facto de o ter feito na noite anterior
-
- diferenças entre expectativas de família e sociedade por serem sociabilizadas enquanto mulheres:
- família pergunta sempre ao irmão como está a namorada, e a ela nunca, fingem que a pessoa não existe
- experiência num internato na bósnia: num show feito pelos alunos, houve imensas piadas, músicas, sketches etc sobre a experiência sexual dela e nada

sobre todos os rapazes que tinham a mesma atitude perante o sexo - os double standards foram muito claros

- o “coming out” foi mais complicado de o fazerem para vocês próprias ou para pessoas externas?
- para mim própria, muito mais difícil, porque agora, olhando para trás, vejo a quantidade de vezes em que a minha atração por mulheres era TÃO óbvia, mas eu a ignorei por vivermos numa sociedade heteronormativa e por medo, apesar de até viver num meio especialmente queer
- ataques de pânico, medo, apesar de ter um grupo seguro, a homofobia internalizada era tão predominante, que é impeditiva de que as pessoas possam viver a sua verdade e as suas identidades ao máximo
- teoria política: não deveria ser necessário fazer coming out, porque isso só alimenta a heteronormatividade, mas na prática, por muito que tentemos recusar os labels, a vontade de um rótulo, de nos entendermos de forma mais aprofundada e de sentirmos que pertencemos a uma comunidade específica que nos entende e não nos deixa sozinhos é muito grande
- experiência traumática: chamada no aniversário, da mãe de uma amiga, “já sei que estás com uma rapariga, isso deve ser muito triste para a tua mãe porque nenhuma mãe deve querer isso... mas pronto parabéns, beijinhos, agora tenho de ir!” - pânico, porque na altura ninguém da família sequer sabia - essa necessidade de esconder parte de quem é, faz com que não esteja tão confortável consigo própria
- assexualidade - o que é para mim uma relação? para nós? tenho um grupo de amigos com quem sou muito próxima, principalmente raparigas; sou super a favor de sermos íntimas umas com as outras, partilharmos beijos, carinhos... e há várias relações na minha vida que não são consideradas românticas, socialmente seriam consideradas então menos relevantes, mas na verdade não o são; a minha melhor amiga é alguém com quem eu quero passar o resto da minha vida, ao lado de quem eu vivo há anos, com quem sou próxima e carinhosa à nossa maneira;

tenho outra pessoa com quem só tenho uma relação escrita, com cartas, por quem nos apaixonamos muito intensamente, que nunca me tocou na vida, com quem tenho uma relação muito mais próxima e intensa do que alguma vez tive com o meu namorado; e portanto esta ideia de hierarquia de relações e do que é aceite e priorizado socialmente não faz sentido na minha vida

- por outro lado, outra experiência: vários amigos com quem estive sexualmente, relações que sempre foram e continuam a ser puramente de amizade e nunca entraram pelo campo romântico; atração não é relação, intimidade não é relação, amizade não é relação... definições completamente independentes para cada pessoa
- conclusão do dia “é tudo uma construção social!!”
- monogamia/poli
- exemplo: eu vi o namorado da minha amiga a consolá-la, porque a outra pessoa por quem ela estava interessada não retribuiu o sentimento; para mim, que sempre vivi em ambientes monógamos, foi tão confuso! apesar de ser tão bonito! e estava a falar com outra amiga poli que me disse “para mim, isso é que é uma relação, apoiar em tudo, mesmo nos momentos de tristeza, independentemente do que causa essa tristeza; tu podes achar uma pessoa linda e achar que ela é tudo para ti, e ao mesmo tempo outra pessoa também é tudo para ti romanticamente e outra amizade também o é e não são verdades contraditórias” - enquanto que eu sempre vivi em ansiedade de “ai será que esta pessoa vai começar a gostar de outra e deixar de gostar de mim” porque sempre me ensinaram que é isso que acontece, quando agora percebo que essa pode não ser a única hipótese - a conversa pode simplesmente ser “uau, conhecestes outra pessoa interessante? fixe, fala-me dela”
- o erro de tudo isto é o de não pensarmos sobre o que queremos exatamente para nós em vez do que os outros querem para nós
- a verdade é que as relações românticas são as únicas relações na nossa vida nas quais a monogamia é tão normalizada: temos vários amigos, que amamos de formas diferentes, em níveis diferentes, mais ou menos parecidos, iguais com os

filhos, e os irmãos... olhando para essas relações vemos o quão normal é de facto para nós seres humanos vermos o amor como algo multiforme e que se multiplica e não como um bolo que temos de dividir em fatias e entendemos o quanto a monogamia é um sistema imposto por um conservadorismo religioso e antiquado, mais do que um instinto pessoal

- “eu não consigo ter a arrogância de achar que eu vou ser suficiente para a pessoa que eu amo, não consigo obrigá-lo a fazer de mim suficiente - por isso é que me faz sentido que cada um possa ter todas as relações que quiser e não pôr esse peso na pessoa com quem estás, de te encher”
- as pessoas têm diferentes visões do que é uma relação saudável e também do que é uma traição: depende muito da tua visão sobre o sexo, sobre o sentimento de posse, sobre a definição do que é ou não desculpável, etc: o quão estranho é então que quando alguém se refere a “uma traição” espere que todas as pessoas entendam intrinsecamente o que isso significa na prática?
- em público:
- não estou à vontade na rua com a minha parceira como gostaria de estar, nunca. aos poucos vamos criando um safe space, mas a verdade é que atualmente tenho sempre medo de receber uma boca, no melhor dos casos, ou de sofrer realmente uma agressão física
- gostaria de não ter medo de demonstrar afeto e carinho pela pessoa que amo
- olhares de homens constantes na rua
- interações desagradáveis em discotecas
- bocas e assédio pelo simples ato de dar a mão
- medo da comunidade queer de simplesmente existir na rua: forma de trauma coletivo

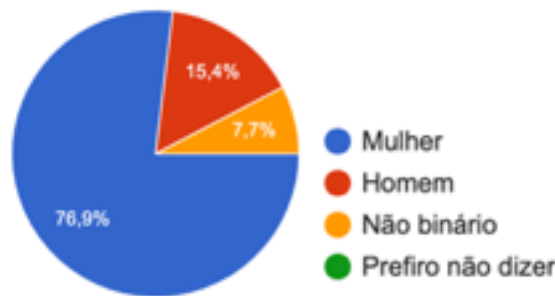
Para seleccionar as participantes do focus group, o seguinte formulário foi enviado para amigas, amigos, conhecidos, colegas de coletivos ativistas e desconhecidos que circulam nos meios do movimento social:

no. pessoas total: 13

idade

anos — no. pessoas

- 16 — 1
- 18 — 2
- 19 — 2
- 20 — 2
- 21 — 1
- 22 — 2
- 23 — 2
- 27 — 1



gênero

- homem — 2
- mulher — 10
- não binário — 1



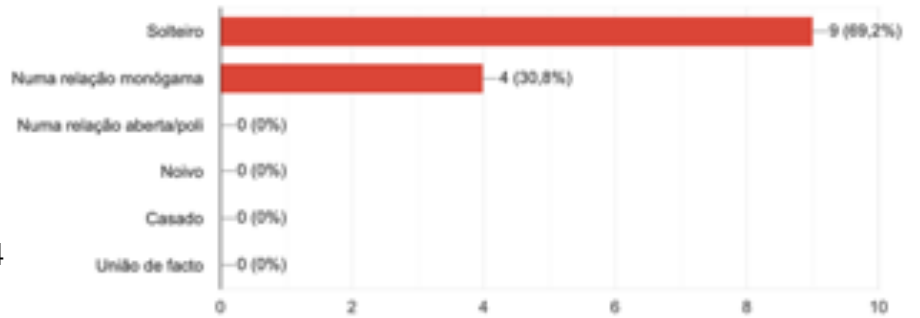
sexualidade (kinsey scale)

- x — 0 0 — 0
- 1 — 1 2 — 2
- 3 — 1 4 — 1
- 5 — 2 6 — 2
- prefiro não me definir — 1
- não sei — 1
- prefiro não partilhar — 0
- outro — 2



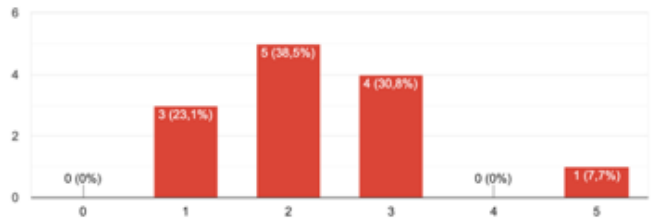
estado romântico

solteiro — 9
numa relação monógama — 4



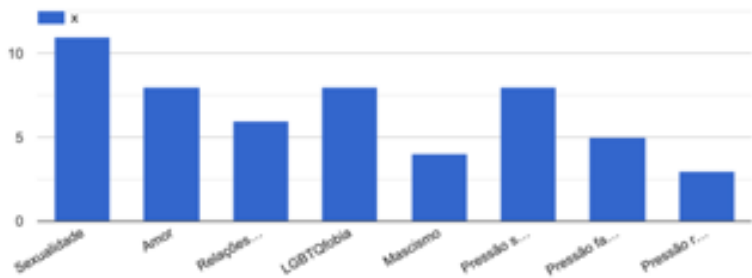
de 0 a 5, quanta experiência consideras ter em relações românticas?

0 — 0 1 — 3
2 — 5 3 — 4
4 — 0 5 — 1



dentro destes temas, com quais te sentes mais confortável/com quais tens mais experiência em falar?

sexualidade — 11
amor — 8
relações românticas — 6
LGBTQfobia — 8
machismo — 4
pressão social sobre relações — 8
pressão familiar sobre relações — 5
pressão religiosa sobre relações — 3

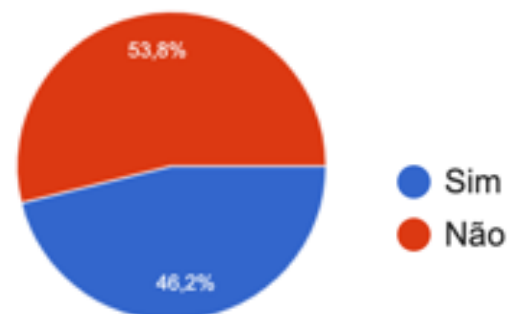


fazes parte de alguma associação/coletivo que trabalhe sobre algum(s) destes tópicos?

sim — 7 não — 6

se sim, qual/quais?

brigada estudantil — 6 a coletiva feminista — 2



senteste-te confortável com esta conversa por zoom ser gravada (vídeo e áudio)?

sim — 13 não — 0

seleção final:

Definindo um *focus group* segundo o artigo “Focus group: Considerações teóricas e metodológicas” de Isabel Soares Silva, Ana Luísa Veloso e José Bernardo Keating, retirado da Revista Lusófona de Educação, 26, 175-190, “*Focus group*, também designado como grupo de discussão, é uma técnica que visa a recolha de dados, podendo ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação. Morgan (1996, 1997), define *focus group* como uma técnica de investigação de recolha de dados através da interacção do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador. Tal definição, segundo o autor, comporta três componentes essenciais: os *focus group* são um método de investigação dirigido à recolha de dados; localiza a interacção na discussão do grupo como a fonte dos dados; e, reconhece o papel activo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. Krueger e Casey (2009), para além das características anteriores, salientam também a focalização da discussão num dado assunto, o seu contributo para a compreensão do tópico de interesse e o facto dos participantes que os compõem terem alguma característica em comum e relevante face ao tema em discussão. Em suma, como referem Krueger e Casey (2009, p. 15), os *focus group* são criaturas especiais no reino dos grupos, sendo que aquilo que os define e os distingue de outros tipos de grupo é o facto de serem dirigidos à recolha de dados qualitativos junto de pessoas com algum tipo de semelhança, numa situação de grupo, através de uma discussão focada.

A pesquisa efectuada por Morgan (1996), além da constatação do aumento de utilização do *focus group* na investigação, revelou também que este tende a ser utilizado em combinação com outros métodos de recolha de dados, ainda que a proporção de estudos que o utilizam de modo isolado tenha registado um aumento nos últimos anos. Especificamente, a análise efectuada com base nos estudos empíricos resultantes da pesquisa na *Sociological Abstracts* revelou que mais de 60% da investigação realizada na última década do século passado e que recorreu ao *focus group*, utilizou este método em combinação com outros métodos de investigação, sobretudo com entrevistas individuais e inquéritos.

Os *focus group* quando combinados com outros métodos, podem ocorrer em diferentes fases do projecto de investigação, designadamente: fase inicial (ex., gerar questões para um questionário); fase intermédia (ex., ajudar a interpretar os resultados obtidos num questionário); fase final (ex., discutir com os participantes os resultados obtidos, discussão essa que poderá conduzir a novos insights) (Krueger & Casey, 2009; Stewart et al., 2007).”

Para seguir então as indicações da organização de um *focus group*, decidi reduzir e focalizar o público alvo desta conversa e entrevistar apenas pessoas sociabilizadas enquanto mulheres. O intervalo de idades obedece também ao seguido em toda a minha tese (18-30) para ser referente à minha própria geração. Assim, as questões foram criadas com base nas respostas dadas por este público específico ao questionário apresentado anteriormente. As respostas dos participantes seleccionados encontram-se de seguida.

Nota: as respostas apresentados foram os indicados pelas participantes aquando a gravação deste *focus group*, é necessário salientar no entanto que, passados mais de um ano e seis meses, as respostas relativas ao género seriam hoje diferentes. Inicialmente este grupo foi escolhido de forma homogénea na qual uma das características era todas as participantes se identificarem como mulheres, o que não é verdade. No entanto, todas estas pessoas foram sociabilizadas, na sociedade contemporânea binária, enquanto mulheres e têm em comum muitas e variadas experiências.

nº. pessoas total: 5-10 (algumas pessoas apenas participaram em parte da conversa)

idade

anos — no. pessoas

18 ——— 1	19 ——— 1
20 ——— 2	21 ——— 1
22 ——— 2	23 ——— 2
27 ——— 1	

género

mulher — 10

sexualidade (kinsey scale)

x — 0	0 — 0
1 — 1	2 — 2

3 — 1 4 — 1
 5 — 1 6 — 1
 prefiro não me definir — 0 não sei — 1
 prefiro não partilhar — 0 outro — 2

comparação resultados gerais:

sexualidade (kinsey scale)

x — 0 5 — 2
 0 — 0 6 — 2
 1 — 1 prefiro não me definir — 1
 2 — 2 não sei — 1
 3 — 1 prefiro não partilhar — 0
 4 — 1 outro — 2

estado romântico

solteiro — 7 numa relação monógama — 3

estado romântico

solteiro — 9
 numa relação monógama — 4

de 0 a 5, quanta experiência consideras ter em relações românticas?

0 — 0 1 — 3
 2 — 3 3 — 4
 4 — 0 5 — 0

0 — 0
 1 — 3
 2 — 5
 3 — 4
 4 — 0
 5 — 1

dentro destes temas, com quais te sentes mais confortável/com quais tens mais experiência em falar?

sexualidade — 8 amor — 6
 relações românticas — 4 LGBTQfobia — 5
 machismo — 4 pressão social sobre relações — 8
 pressão familiar sobre relações — 5 pressão religiosa sobre relações — 3

fazes parte de alguma associação/coletivo que trabalhe sobre algum(s) destes tópicos?

sim — 6 não — 4

sexualidade — 11
 amor — 8
 relações românticas — 6
 LGBTQfobia — 8
 machismo — 4
 pressão social sobre relações — 8
 pressão familiar sobre relações — 5
 pressão religiosa sobre relações — 3

notas interessante:

- apenas as pessoas que se identificaram enquanto mulheres se sentiram confortáveis em falar de machismo;
- apenas as pessoas que se identificaram enquanto mulheres relataram experiência de pressão sobre as suas relações românticas, tanto socialmente, no seio familiar ou por causas religiosas;

Perguntas iniciais realizadas no *Focus Group*:

temas: relações românticas; amor; experiência queer na sociedade; expectativas quanto a relações

- pedir consentimento com gravação (e repetir quando estiver já a gravar);
- reação a imagens, cada pessoa escolheu uma/duas fotografias entre a lista apresentada e explicou as razões da escolha;
- quantas pessoas deste grupo já sentiram pressão social em relação às suas relações românticas?
 - de que forma?
 - questões temporais?
 - *queerness*?
 - por ser mulher? (comparação com irmãos? comparação com amigos rapazes?)
 - por quem?
 - família
 - amigos
 - círculo próximo
 - sociedade geral
 - parceiros
- têm famílias religiosas?
 - de que forma é que isso afetou a vossa visão sobre relações românticas e vos aumentou esta pressão?
- e a nível pessoal, por influência externa mas de forma mais subliminar? que pressões sentiram que colocaram sobre vocês próprios?
 - em relação ao tempo “certo” para fazer as coisas?
 - *queerness*?
 - como foi o vosso *coming out* (“sair do armário”)? qual foi o mais difícil, a vocês próprios ou aos outros?

- já tiveram interações desagradáveis por causa da vossa relação ser considerada “não convencional”? já sentiram medo na rua?
 - em público
 - em ambiente familiar
 - com amigos
 - com o(s) próprio(s) parceiros
- se a pressão social/política não existisse, acham que a vossa relação (atual/ideal) seria diferente?
- de que formas acham que essa pressão que descreveram anteriormente afetou a vossa vida?
 - tornou-a mais difícil?
 - alterou os vossos objetivos?
 - mais medo/ansiedade?

Imagens selecionadas por participantes (pergunta inicial do *focus group*, para iniciar conversa entre o grupo):



2. Entrevista com Pedro (Peter) Castro a 24 de julho de 2020

O que é o amor?

- o que o estraga é a definição
- tentar defini-lo é castrá-lo e aí ele deteriora-se
- é o que vemos em muitas instituições, como por exemplo o casamento, na sua definição conservadora, normalizada do amor
- a categorização do amor muitas vezes sufoca-o
- é sempre o mesmo sentimento mas é experienciado de formas muito diferentes em contextos diferentes
- é algo para se sentir e não para se definir

Opinião sobre rótulos:

- para mim não têm importância nenhuma
- no entanto, entendo que a rotulagem na nossa sociedade faz sentido, quer seja na sexualidade, se és solteiro ou casado, empregado ou não...
- é um processo evolutivo, que vem da igreja, proveniente de uma sociedade construída sobre valores milenares obsoletos, mas que vai mudando
- cabe a nós uma cisão maior dos valores que não nos servem
- por vezes temos uma relação um pouco patriarcal com a sociedade: a sociedade conservadora ainda funciona um pouco como nosso pai e mãe - tem de aceitar quem somos, de nos ver como igual, de nos incluir
- porquê que eu tenho de me justificar ou dar satisfações à sociedade sobre mim ou o meu sexo? justificar à sociedade o meu género? justificar as minhas escolhas?
- no entanto, a sociedade ainda é conservadora, ainda está muito presa a canones muito antigos, sobre a mulher, a maternidade, o homem e a virilidade
- é um desmonte muito complicado e que demora muito tempo
- as comunidades têm tendência a sectariar-se, para se protegerem, e é um caminho que parece contra produtor mas que é evolutivo e uma resposta natural de guerrilha das comunidades para com uma sociedade que as oprime e as esmaga

- muitos rótulos existem porque dão segurança às pessoas, cada vez existirão mais, mas eventualmente isso será uma bolha que irá estalar quando finalmente chegarmos à conclusão que cada pessoa tem a sua própria sexualidade (composta por muita coisa, o teu líbido, biologia, socialização, personalidade, mentalidade, etc)
- a única forma de realmente sermos inclusivos para todos será compreender que cada pessoa, individualmente, tem e expressará a sua sexualidade sem qualquer tipo de vínculo a um grupo
- a politização da sexualidade não foi uma ação, mas sim uma reação (assim como a politização do género, da raça, etc...)
- foi uma questão levantada pelos conservadores, atirada a nós como “não podes fazer isso, não deves fazer isto, não é correto” e a redução da nossa liberdade é um ataque
- a formação da comunidade queer é uma reação a um ataque dos conservadores, que querem uma sociedade uniforme, com a hegemonia da família tradicional, segundo os canones da igreja
- isso é um ataque à minha liberdade de ter um projeto de vida pessoal, unilateral, que só diz respeito a mim
- por isso, apesar de entender e respeitar os rótulos, etc, para mim não me dizem nada: não me traduz segurança, é redutor e refratário
- já ouvi coisas muito maldosas sobre mim e sobre a minha sexualidade
- namorei 3 anos com a mulher da minha vida, uma relação muito coesa e bonita e muito carnal e intensa e tentavam problematizar o que eu era ou não a partir disso
- este puxar de “o que és? afinal já não és isto? estás numa relação heterossexual então deixaste de ser lgbt? mudaste de ideias? tens a certeza?” é tudo muito agressivo
- não é assim que vamos ter uma libertação sexual real na sociedade
- exemplo: um homem que sempre sentiu exclusivamente atração por homens; apaixonou-se pela melhor amiga; ficou muito desesperado; “e agora o que é que eu digo aos meus pais? foi tão difícil aceitar isso, toda a gente afinal vai achar que

- a “fase” estava certa” - o desespero dele nunca foi sobre ele, sobre o que sentia, era só sobre os outros, a sociedade, a família, os amigos, o que os outros achavam
- esta obrigatoriedade de teres uma identidade sexual pode ser muito refratária e redutora, toda a gente tem o direito de, em qualquer momento, experimentar tudo o que quiser, independentemente dos seus rótulos
 - a sexualidade é algo demasiado pessoal para ser tão esquematizada
 - não é possível esquematizar um “feeling”, algo que é tão vago, que só se sente explorando
 - tenho a sorte de ter crescido numa família bastante progressista e com base em respeito mútuo - eu não tenho nada a ver com o que eles fazem na cama nem eles com a minha, nunca questionariam (nem eu aceitava que o fizessem) sobre a minha vida sexual, nem eu a deles
 - a maior parte da nossa geração, infelizmente, vem de famílias conservadoras, quer seja por ideologia ou “default”
 - sempre tive a sorte de não ter de justificar nada e de simplesmente fazer o que me apetece
 - mas entendo que em esquemas tão apertados, em famílias diferentes da minha, as pessoas têm necessidade de o contrariar e fugir e por isso passar para outro sistema, de rótulos, etc, como parte do processo evolutivo
 - mas só devemos politizar a sexualidade quando é para lutar contra ataques e não contra pessoas que as estão a viver (aí estamos a estragar a comunidade, é a nossa maior chaga, é tentar politizar a comunidade internamente “ah ele diz que é gay, mas é mesmo bi”... esta guerra interna)
 - esta guerra interna existe em todos os movimentos, mas neste caso é ainda mais agressivo e mais feio porque nunca nos podemos esquecer que estamos a falar da intimidade de uma pessoa
 - cada conversa que estamos a ter, estamos a violar essa intimidade, mesmo quando a pessoa pode não querer
 - problema no ativismo: sempre que eu falo, ou muitas vezes, eu tenho de pôr a minha sexualidade na mesa e nem sempre eu o quero fazer

- tenho de explicar o que é, como funciona, etc... e isso é uma vivência muito violenta, as pessoas LGBTQ também têm direito à sua intimidade, não merecem que por razões políticas esse direito lhes seja retirado à força
- do outro lado, os conservadores estão a rir-se
- à custa disso, dessa pressão interna, ainda não atingimos muita coisa que já podíamos ter atingido

Perspetiva geracional:

- todas as minhas relações são muito diferentes das dos meus pais ou dos meus avós e desde cedo que os meus pais sabiam que toda a minha vida iria ser de rotura para com a deles
- desde criança, nunca respeitei as regras impostas de género: levava vestidos e barbies para o infantário, sempre fiz o que quis
- a minha mãe sempre fez questão absoluta de que eu fizesse isso, mesmo sabendo que ia sofrer muitas provações
- ainda por cima nasci nos anos 90 do séc.XX e a boçalidade de Portugal antes dos anos 2000 não tinha explicação, só quem viveu, eu era só uma criança
- era muito ressaca ainda do que foram os anos 80 do séc.XX, do pináculo do conservadorismo moderno, daquela imagem da família tradicional, com o cão e a casa e o renault clio
- tudo aquilo era muito grave, mas os meus pais sempre disseram “sim, quer levar barbie para a escola leva. vai levar na cara por causa disso? pronto, também tem de aprender a viver com a realidade” - tens de aprender que se queres afrontar uma estrutura, essa estrutura vai-te bater de volta, quer seja literal ou metaforicamente
- nunca foi “não fazes porque é errado” nem “não fazes para te proteger”, simplesmente me atiraram aos leões, e foi o melhor que me podiam fazer
- é importante que as crianças e os jovens entendam que a estrutura opressora é sim, muito forte e nos vai bater bem

- é muito triste, lutamos para o mudar, temos de prevenir que as crianças fiquem traumatizadas com isso, mas é a realidade atual
- tive a sorte de ter o apoio da minha família muito inclusiva e sempre me apoiou então não me causou trauma
- muitas vezes as reações dos nossos pais, mesmo por proteção, causam mais medo/trauma ainda
- o meu pai, é um homem muito suburbano, gente como a gente, mas uma pessoa com muita noção de respeito pelo outro e uma humildade profunda, sempre me tratou com amor e respeito, nunca me questionou
- era o pináculo da masculinidade, o hit boy, musculado, com uma masculinidade tão tóxica gmas nunca teve vergonha de mim, era super geek, ele nunca teve problemas em me apresentar aos amigos com os seus filhos atléticos, nunca me reprimiu por isso
- ninguém neste povo (enquanto grosso da população, na maioria) está com a cruz na rua a bater em ninguém, são conservadores por “default”, porque era o que a família era também...
- as nossas vitórias progressistas são um reflexo disso: não de um povo maioritariamente progressista, porque não o é, continua a ser católico e conservador, mas do descaso deles por querer reprimir os outros (gosta de falar da vida dos outros mas tem muito descaso por perseguições)
- vitórias: legalização do aborto, que ganhou em referendo num dos países mais católicos da europa - muito difícil, tínhamos Figuras da esquerda à direita abertamente contra (incluindo o gutterres por exemplo), a igreja fazia imensa pressão contra o aborto, com campanhas com os jovens, panfletos a crianças de 12 anos contra o aborto, junto das escolas, uma campanha muito profunda... e mesmo assim, aprovamos
- o povo português não gosta, é cristão e conservador, mas não se sente no direito de ir à casa dos outros dizer o que fazerem

- exemplo do casamento homossexual, família a ver a notícia “achas que isto tem algum jeito?” e o tio responder “não acho nada, mas também não vão casar comigo” e é uma boa representação da sociedade portuguesa
- existe homofobia e conservadorismo, mas há muito descaso e um ponto de partida muito positivo e especial em relação ao “por muito que eu não queira, não tenho o direito de impedir alguém que queira” porque a partir daqui constrói-se muita coisa, a uma pessoa assim é possível explicar muita coisa e abrir horizontes, não é uma pessoa que está ativamente contra alguma coisa, é só alguém que tem descaso, desprezo por algo “acho mal, mas não me interessa”
- o meu avô, quando foi legalizado o casamento, um homem de 70 e tal anos, eu perguntei “o que acha disto?” “não acho que tem jeito nenhum, mas quem quer casar deve casar”
- para mim os nossos avós são a geração intocável deste país: pessoas em fim de vida, não vais conseguir explicar algumas dinâmicas, afrontar, não vão perceber, já lutaram muito para entender dinâmicas da geração dos nossos pais, não vale a pena, deixa-os partir no mundo em que eles viveram, seria muito violento tentar trazê-los para o nosso
- a geração dos nossos pais é aquela “in between”, que acontece sempre nas mudanças de rumo
- é uma geração um pouco perdida e com alguns problemas, que nos cabe a nós ajudar
- nós temos a nossa linguagem, as nossas redes sociais, o nosso mundo construído por nós, os nossos vocabulários, o nosso programa de evolução social, as nossas conceções sobre sexualidade, género, relações...
- eles não, foram educados, pelos nossos avós, para um mundo que desapareceu, que já não existe, para o mundo que eles previam
- estão perdidos entre os dois mundos: o dos nossos avós (que desapareceu, só sobram resquícios) e o nosso mundo, que eles se tentam adaptar mas não entendem

- não percebem as formas como nós nos relacionamos, a liberdade com que nós vemos o sexo, a nossa comunicação virtual, as dinâmicas das redes sociais, culturais, do hiphop, etc... tudo o que define a nossa geração e não tem nada a ver com a deles
- eu fico muito consternado com a geração deles, porque vão ter um trabalho muito profundo em dar estabilidade à nossa geração, porque nós não a temos (nem profissional, nem emocional - principalmente)
- eles têm uma estabilidade emocional que foi forçada, foi-lhes imposta à força, mas existe
- ninguém lhes perguntou o que queriam, não iam procurar o “amor da vida deles”, encontravam alguém para casar e sair de casa dos pais o mais cedo possível e construir família
- não havia esta conversa “pop” sobre o amor
- eles amam-se, mas não é este amor de telenovela que a nossa geração procura, era algo mais térreo e mais semelhante ao que os pais deles tinham também
- construir uma vida de cooperação, uma família, uma casa, uma vida familiar, financeira, cumplicidade, amizade, emocional... o amor vinha daí, ou mesmo que viesse antes, a sua manutenção tinha muito a ver com as coisas terrenas, os planos futuros
- por contraste, a nossa geração é muito perdida, não temos uma noção muito real das coisas, somos uma geração virtual, temos uma relação virtual e líquida com todas as coisas (referência ao zygmond bauman), com a realidade
- tenho muitos confrontos, muitas discussões com pessoas dessa geração, principalmente com a minha mãe porque ela é uma pessoa muito inteligente com quem eu consigo ter conversas
- e ela tem alguns pontos e eu os meus, há coisas na geração dela que são absolutamente trágicas e na nossa também
- já tive muito mais uma perspectiva de guerra para com eles, mas hoje acredito que é preciso uma cooperação

- o papel deles na educação dos nosso filhos vai ser essencial, porque nós, enquanto geração, não temos a disponibilidade emocional que eles tiveram para criar crianças
- criamos uma sociedade muito voltada para “eu”, o que é que vou vestir, que foto vou tirar, o que vou dizer no twitter, que piada vou fazer sobre este tema, tudo é sobre o nosso papel
- não temos aquela pose selfless que os nossos pais tiveram
- e não existe uma sociedade sem isso também, se não será um desastre, vão ser só selfies com bebês
- precisamos de uma estabilidade, nem que seja um bocado bruta como eles tiveram
- é preciso um perdão e uma coesão com a geração dos nossos pais e dizer “okay, apesar das nossas diferenças, vamos construir uma sociedade em conjunto”
- acho que vai mudar muito quando a nossa geração começar a ter bebês, como aconteceu nas gerações anteriores também (os conflitos entre as gerações dos nossos pais e avós foram resolvidos por nós também) porque se unem para criar as crianças, quase todos tivemos avós muito presentes na nossa educação
- houve uma mudança grande porque na geração dos nossos pais, as mulheres já trabalhavam e por isso os avós estavam muito mais presentes
- a história vai-se repetir, quase como um perdão final entre as duas gerações, unirem-se para criar a próxima (os “nossos” filhos)
- diferença principal entre as relações românticas da nossa geração e dos nossos pais: uma diferença muito prática, eles tiveram uma infância na ditadura, nós não temos noção do que é isso já, gente que passou muita miséria, uma repressão, medo do que fazer, vestir, dizer...
- eles têm uma noção muito maior do que são vários picos políticos e sociais e por isso são essenciais para a discussão
- a nossa infância já foi muito americanizada, com tecnologia, muito protegidos...
- os nossos pais tiveram muito pouco tempo para se conhecerem e hoje nós vemos muitos problemas nisso: muitos problemas emocionais, de saúde mental...

- uma geração obrigada a casar logo, a ter filhos cedo...
- já mais hoje em dia é normalizado ter filhos aos 23/25 anos, na geração dos nossos avós ter filhos aos 30 seria algo de gente louca, e na dos nossos pais ainda não era normal
- isto para os nossos avós não pesou muito, porque o mundo era aquele... mas nos nossos pais já, porque já começava a haver outro mundo, mas eles ainda foram coagidos a ir naquela onda
- hoje são pessoas com uma exploração interna muito precária
- nisso nós estamos muito bem, porque nós fizemos muita coisa, costumo dizer que em termos de busca interior, que fazemos só porque queremos ver como é, nós vivemos muito mais até aos 25 do que os nossos pais até aos 50 deles
- duas décadas da vida deles foram dedicadas à família, ao casamento, à carreira e aos filhos
- duas décadas das nossas vidas foram dedicadas a nós próprios
- lado bom: temos um conhecimento muito maior do que somos, um conceito individualista muito mais forte
- por outro lado, eles sacrificaram da sua individualidade pela dedicação ao outro, aos que amam, e nós fazemos um pouco o contrário
- isso é muito bonito, porque isso é que é evolução, as gerações têm de se complementar umas às outras, se não teríamos uma sociedade estanque
- vemos isso na história, tivemos sociedades estanques, paradas no tempo, quando não houve conflito entre gerações
- quando a geração dos nossos trisavós, bisavós e avós tiveram vidas muito semelhantes, porque o contexto social não permitia uma mudança
- agora há grandes diferenças, e isso é muito importante, é assim que a cada década evoluímos o que civilizações anteriores evoluíram em 40 anos, isto não é uma crítica, é uma esperança
- hoje em dia temos uma ideia muito mais livre do que é uma relação, muito mais direcionada ao “o que é que eu quero?”

- isso está muito diretamente relacionado, diria que 80%, à emancipação da mulher, sem rodeios
- mesmo sendo um homem progressista, eu entendo que a minha postura enquanto homem, quando se relaciona com mulheres, não muda muito, não tem de mudar, porque sempre estive do lado que sempre fez o que queria
- mas o facto das mulheres terem uma postura mais combativa e afirmarem-se como um indivíduo, um cidadão, igual aos outros, muda tudo
- o papel da mulher é a base da sociedade conservadora: sendo questionado, mudamos tudo: a relação da mulher com os filhos, com o homem, com o trabalho, mudas o próprio trabalho...
- por isso é que os movimentos feministas são tão importantes, e questionarmos o papel da mulher
- querer levá-lo mais à frente é muito importante
- a origem de todos os males vem do papel de género que cerra principalmente a mulher. Os homens têm muitos problemas de masculinidade tóxica que têm de ser resolvidos, claro, mas são muito menos institucionais do que o papel da mulher, que tem muitas mais pressões constantes, há um esquema muito forte à volta dela
- desmontar esse esquema vai enfraquecer a narrativa conservadora e criar novas dinâmicas
- as nossas relações românticas mudaram radicalmente porque a mulher hoje não leva tantos sufocos para casa, há muito menos mulheres a engolir tantos sapos, a cada vez mais, e está a evoluir muito rápido
- por causa da velocidade das redes, que joga a nosso favor, a consciencialização para a emancipação da mulher está a acontecer muito rapidamente
- as redes permitem que uma miúda de 14 anos veja o discurso da ministra da justiça sobre o que é ser mulher e ser negra na política e tenha logo um “insight”. E ela tem 14 anos, toda a formação dela vai partir dali
- quando mostras aos adolescentes o que é outra visão do que é ser mulher, tu já mudaste o mundo inteiro

- eu tenho muitas conversas com conservadores porque acho muito importante falarmos com projetos que nós não queremos, quero perceber o que é que eles querem: às vezes quando os confronto com “tu queres viver como os nossos avós? mas tu queres que a tua namorada cozinhe tudo para ti, te lave a roupa?” e eles também respondem “pois não é bem isso que eu quero...” ou seja eles têm lacunas que nem eles próprios sabem bem como vão preencher na verdade
- há muitos pontos onde nos encontramos até, porque no fundo toda a gente quer estabilidade para as suas famílias, estabilidade no trabalho, etc
- a divisão política é uma divisão ideológica que vem da igreja, da família...
- então é muito interessante falar com pessoas com quem tens inimizade política (claro que não com extrema direita e agregados, mas com pessoas que são minimamente progressistas, têm uma visão de uma sociedade igual para todos, mas defendem uma pauta conservadora para si e para quem a quiser)
- todas as escolhas e formas de vida têm de ser respeitadas e a conservadora é uma delas
- tenho muito respeito por quem acha que o casamento é para sempre, por toda essa narrativa que eu sou contra, mas sou contra pela sua imposição
- acho lindo, o anel, o vestido, tudo super filme da disney, mas não pode ser imposto
- qual é o propósito da vida e da humanidade? eu acho que é reiterar-se a si própria e estender-se a si própria, por isso esse é um ponto que eu tenho em comum com os conservadores! eu acredito na família, na maternidade, na paternidade, quero muito e vou ter filhos, mas quero fazê-lo dentro do projeto que eu escolher
- só daqui a 5/6 anos, que eu acho que é preciso uma maturidade especial e ainda quero fazer muitas coisas que são incompatíveis com ser pai, porque eu depois quero ter uma dedicação quase a 100% ao filho e para isso há coisas que tens de deixar para trás e ainda não estou pronto para isso, mas quero ter filhos não tardiamente
- mas quero ter filhos no meu molde, essa é a grande faca que me separa a mim e aos meus pais

- a minha noção de família não tem nada a ver com a dos nossos pais
- se olharmos realmente para a construção das famílias, não para as suas funcionalidades, mas só para ela, percebemos que a “família tradicional” não existe, é um mito: eu fui criado pelos meus pais, os meus avós, os meus tios... e isso é uma realidade muito comum neste país, as crianças são criadas em comunidade
- quando eu era alimentado e cuidado pela minha avó porque os meus pais trabalhavam, eu não me importava se ela era minha avó ou não, aquilo foi-me ensinado
- eu e quase toda a nossa geração foi criada por uma família extensa, os avós, os tios, os vizinhos...
- então até somos muito mais progressistas no que toca à educação das crianças do que aquilo que nós próprios entendemos
- esta ideia da mãe, do pai, do golden retriever é uma coisa muito mais americanizada do que portuguesa, os latinos têm um conservadorismo líquido, não é verdade... nós criamos as crianças em comunidade, com os primos, tudo é criado muito assim
- eu quero ter um filho, mas não acho que um filho tenha de partir de uma relação amorosa, ambos não estão interligados para mim
- isso é uma coisa muito anos 80 do séc.XX
- eu não sou dogmático, até posso ter, pode acontecer
- eu com a minha ex namorada, éramos muito jovens, mas podia ter vivido uma vida até bastante conservadora
- então, não é um valor, é uma possibilidade! eu posso ter um filho entre dois amigos, com uma amiga minha qualquer, isso é cada vez mais comum e vai ser o registo do futuro
- as famílias serem muito mais individualizadas, escolhermos o que é que nós próprios queremos que seja a nossa família e não o que o vizinho quer
- a geração dos nossos pais foi educada a que um filho é fruto do amor entre duas pessoas, de um casamento

- isso tem coisas interessantes e problemas muito maus e muito tristes: porque tu expões uma criança a tudo de podre que existe numa relação, que é muito
- uma relação monogâmica tem muitos problemas e estás a trazer os teus filhos para tudo isso, porque eles estão ali, a ver as discussões, o choro... as dinâmicas de um casamento estão todas a ser emitidas em direto para as crianças
- os conservadores dizem “temos de proteger a família tradicional, nós temos de pensar nas crianças” e é exatamente o que eu estou a fazer
- eu acho muito importante poupar as crianças a certas vergonhas, nós temos de experienciar certas dinâmicas menos boas das relações, mas são demasiado agressivas para uma criança
- os meus pais foram ótimos pais, mas eu vi, como quase toda a gente, as discussões, gritaria, choradeira e eu não queria aquilo
- então esta noção de que as crianças são obrigadas, têm que ver o que é um casamento, é uma falácia, eu não era obrigado a ver aquilo, isso aconteceu porque “era o normal” e eu não acho que seja
- e eu mesmo assim fui muito protegido, os meus pais sempre me deixaram ter o meu mundo então nunca tive demasiada presença no deles no que era o casamento, o ter de pagar uma casa e um carro etc...
- mas a maior parte das pessoas viu em primeira mão o que é um casamento entre dois adultos, e depois perguntam-se porque é que a nossa geração não se quer casar... crescemos a ver o que é muitas vezes a miséria emocional que é um casamento e uma relação monogâmica
- por isso eu hoje, pela minha conceção pessoal mas também muito pelo que eu vi, percebo que eu não quero aquilo, não quero nada do que os meus pais tiveram, não é para mim, nem acho que fosse para eles
- atualmente estão divorciados, mas tiveram 25 anos de uma relação feliz, eram duas pessoas que se amavam muito, mas que muitas dinâmicas ali foram forçadas pelo preceito do que deveria ser e isso é muito triste
- não quero então que o meu filho veja nada disso, quero que ele saiba que eu sou o pai dele, não que sou marido ou mulher de ninguém

- uma relação de adultos não é para as crianças, elas são obrigadas a ver as dinâmicas, depois têm perguntas, têm problemas emocionais ao crescer, crescem a achar que uma relação é aquilo
- isso para a nossa geração é tóxico, não quero nada daquilo
- e teve coisas muito bonitas, que eu nunca vou ter, mas é um preço que eu estou disposto a pagar
- a maior parte das pessoas que eu conheço são filhos de pais divorciados, somos dos países da europa com maior taxa de divórcio, a geração dos nossos pais é campeã em divórcios
- a nossa não se vai divorciar tanto porque não se vai casar tanto, o casamento é uma instituição que está a soro já, vai acabar por morrer
- tenho amigos que são filhos de pais divorciados, que se davam bem, e eles nunca viveram mal com isso, não cresceram com isso, iam para casa da mãe, iam para casa do pai e era tranquilo, nunca os viram a discutir
- tinham padrastos e madrastas, mas é muito diferente ser com eles ou se fossem os teus pais
- porque com os pais, há momentos em que “puxa a corda” de: mas quem é que tem razão? de quem é que tu gostas?
- e isso é muito triste e desrespeitador para uma criança ou para um jovem, viola a sua integridade emocional: encostá-la à parede e expores a vida emocional de um adulto é muito e feio e nós não podemos cometer o mesmo erro
- a coisa mais importante para uma criança é a estabilidade, e os nossos pais deram-nos estabilidade real, mas falhou muito a emocional, fomos expostos a coisas que não deveríamos ter sido, em idades que não deveríamos ter sido
- a monogamia e o casamento são dois sistemas que eu não quero, têm muitos erros, não é por serem os vigentes que são os certos
- um dos maiores erros é mesmo a relação do casamento e da monogamia com as crianças, a maior parte dos distúrbios mentais nas crianças e jovens parte do divórcio dos pais, ou do casamento dos pais, da relação entre eles... temos de terminar com essa chaga

- a Figura dos teus pais é muito importante, principalmente em criança e no crescimento inicial, por isso é necessário haver muita estabilidade
- e nós tivemos estabilidade relativa a regras, uma dedicação muito cega, mas não emocional
- essa exposição à relação deles danificou-nos
- por isso não é um projeto pessoal ter filho que parta de uma relação romântica, porque quando essa relação se deteriorar eu não vou ter disponibilidade emocional para o nosso filho
- assim a minha família é muito estável, sou eu e o meu filho, não há conflitos de interesses, de formas de educar, de mudanças radicais no seio familiar
- pode formar relações com os padrastos ou madrastas, mas isso, apesar de poder ser mau, é sempre menos mau, nada se compara a ver o teu pai ou mãe a sair porta fora
- como as relações de amizades são mais estáveis do que as amorosas, porque também são menos intensas, podemos pegar nessa estabilidade, de relações que duram há 10, 15 anos por exemplo, e pensar num projeto conjunto de vida, que é o de ter um filho, algo muito sério, que vamos ter de criar até ter 18 anos
- não se pode ter um filho sem dedicação, pelo menos 50% da tua vida
- ainda por cima, pai, mãe, tio, avó, são tudo nomenclaturas que vêm da igreja, não significam grande coisa, são só nomes
- eu acho mais saudável então que olhemos para relações de paternalidade de forma alheada das relações românticas, o meu projeto paternal não tem nada a ver com a minha vida romântica - a paixão e o amor, na maior parte dos casos, têm um prazo de validade, vai chegar a uma altura em que dá merda, sofre-se mas supera-se... e a paternidade e a maternidade não podem simplesmente dar merda, isso é muito grave, ninguém sai ileso dessa situação, uma relação com um filho é uma relação para sempre, é muito mais urgente preservá-la do que o casamento ou a monogamia
- eu dizia aos meus pais “eu não casei, não sou marido nem mulher de ninguém, não sou obrigado a ser exposto a isto, não quero”

- para o meu filho, não lhe interessa com quem eu me relaciono romanticamente ou sexualmente
- respeito muito quem acha que o casamento vai funcionar, para sempre que a educação dos filhos vai resultar... espero mesmo que sim. mas eu sou mais pragmático, não tenho essa ideia de “vamos ver”, eu acho que não vai resultar, então nem vou
- quero ter filhos com quem quiser, há muitas mulheres que querem ter filhos e não querem maridos
- até posso ter uma relação muito estável e ter um filho com outra pessoa
- em parte também é trauma de ter vivido isso e pensar “não quero isto para o meu filho, nunca na vida, não quero que ele esteja no almoço de domingo em que deu merda”
- não acho que devemos abolir o projeto conservador de família, mas temos de abrir portas a novos projetos
- esta ideia de podermos ter um filho em conjunto, que o criamos como projeto comum, com os nossos companheiros românticos respetivos que sentem o amor que deverão por ele e está tudo bem e ele é criado em comunidade - isto para os conservadores é completamente chocante e horripilante, mas se levantarmos o véu foi o que eles também fizeram
- o que lhes dói é esta evolução de uma relação heterossexual, a instituição do casamento, não ser necessário - porque os conservadores vivem muito desta iconoclastia dos seus símbolos - o casamento, a cerimónia, o vestido, o anel
- quando na verdade aquilo tudo é um circo, não importa que um mês depois da lua de mel linda estejam a discutir pela porta do frigorífico aberta
- dói-lhes muito o desrespeito que os progressistas têm pelos símbolos deles, muito mais do que as nossas vidas realmente, e diz muito mais sobre a vida deles do que sobre nós

3. Conversas sobre o amor e as relações românticas – link: www.youtube.com/watch?v=ErY8bh0SDiE



No contexto da unidade curricular de Projeto 2, decidi tomar uma direção mais documental, enquanto exercício inicial tendo já em mente o projeto de mestrado. A partir de todas as conversas que fui registando nos mais diversos meios (desde vídeos que amigos de longa data me enviaram, entrevistas agendadas com pessoas relevantes no meio cultural do Porto, vídeos improvisados com amigos próximos, perguntas a estranhos na rua, entre outros), selecionei as que mais se aprofundaram e reparei nas similaridades entre todas. Cada pessoa tinha as suas próprias opiniões, abordagens, formas de falar, durações de conversas (que variaram de 5 min até 2 horas) mas todos tinham pontos comuns que me fizeram aperceber do quão parecidas as pessoas são realmente, se lhes dermos oportunidade para se exprimirem. A partir desta análise, criei o primeiro excerto de trabalho. Um vídeo de 15 min com uma edição muito simples, que reúne alguns dos temas principais das divagações sobre o amor e as relações românticas da minha geração.

Transcrição:

- o amor não tem definição, é um conjunto de emoções, definições diferentes para toda a gente

- a única coisa que eu sei ao certo que é o amor é uma série de impulsos elétricos no cérebro. para além disso, o amor, quer seja por um familiar, um amigo, ou por uma parceira é para mim uma projeção daquilo que eu sou. é um espaço, tanto um lugar e um momento, ou vários, em que eu não preciso de ter reservas. o sentimento de amor com a pessoa ou as pessoas certas permite-te desvendar facetas tuas que que nem sabias que existiam
- o amor é multiforme, os gregos tinham várias palavras para o amor. eros: o amor romântico e erótico; philias: o amor entre grande amigos que se conhecem há uma vida e partilham almas; storge: amor familiar; philautia: amor próprio; pragma: amor dos casais casados, que pode ter começado no eros mas depois matura; agape: o amor universal, por toda a gente e todas as coisas e o universo e a natureza
- amor por um professor, um músico um poeta, que nos ensinou coisas que nos definiram... um agradecimento
- eu sinto amor por animais, mas não é o mesmo amor que eu sinto pela minha irmã, que não é o mesmo amor que eu sinto pelos meus pais, que eu sinto pelas minhas amigas, pelo meu namorado... o amor em si tem várias caixinhas, tudo encaixa dentro do amor, mas que são tipos de amor muito diferentes
- podemos amar tudo, não é só pessoas, é tão geral
- claro que a cultura vigente, só professa um tipo de amor. o amor erótico, entre um homem e uma mulher, que se encaminha para um casamento, filhos, um golden retriever, cerca branca, carreira e carrinha familiar
- porque esta visão da mãe, do pai e do golden retriever é uma coisa muito mais americanizada do que portuguesa
- quando tens uma relação de carinho e proteção por outra pessoa, para mim isso é romântico
- é com confiança, com apoio, com preocupação mas também não demasiada se não pode disputar ali algumas questões mais chatas
- e não é uma preocupação de amizade, porque a preocupação de amizade ela nunca é tão profunda como a preocupação romântica, porque a vida dessa pessoa

ela reflete na minha e a minha reflete na dela, acho que isso é que diz quando estás romanticamente envolvido com alguém

- é a noção de que eu poderia fazer qualquer coisa por essa pessoa, mas que eu não preciso de fazer, que posso viver segundo as minhas medidas. e eu durante muito tempo achei que o verdadeiro amor também estava nos compromissos que se faz, mas se calhar nem sequer é preciso fazer compromissos, se calhar o amor dá essa liberdade e numa relação pura os compromissos não são necessários; eu sinto-me muito feliz na relação que tenho neste momento, não consigo não olhar para o futuro e não guardar um lugar de autocarro para essa pessoa, mas se calhar a melhor atitude é saber que se essa pessoa quiser estar comigo no autocarro ela própria arranja um lugar e não é por isso que eu preciso de limitar as viagens que faço, em autocarros com mais do que um lugar
- sentimos que as pessoas estão muito “approachable” (acessíveis) nas redes sociais, nas “dating apps”, etc, enquanto que na realidade perdemos por não estarmos a valorizar as pessoas que estão efetivamente na nossa vida e não é assim tão fácil conhecermos pessoas que querem estar na nossa vida ativamente, que nos valorizam, nos tratam com respeito e com quem tenhamos algo mútuo de respeito e cumplicidade e acho que isso é uma característica um pouco tóxica na nossa relação
- vais ver e os teus avós estão juntos desde os 14, 15 anos... Desde muito novos e isso acontece cada vez mais tarde. Acho que é cada vez maior o núcleo de opções. Quanto mais olharmos para trás, menos se sabia, era mais “menina com menino” e acabou. Enquanto que agora as pessoas questionam-se e cada vez mais. Eu acho que neste momento, pessoas com idades inferiores a 20 anos, são capazes de já se questionar mais, porque sabem mais, porque têm mais curiosidade, porque fala-se disso e os jovens são super curiosos
- Eu acho que também há expectativas diferentes, da mesma maneira que tens outras opções de sexualidade faladas, também existem diferentes tipos de relações, acho que com os nossos pais ainda havia muito uma cena tradicional, de vais conhecer esta pessoa, se calhar não viajavam tanto também, era alguém que

vivia na mesma cidade, namorar no secundário, casar e ter filhos e agora não é bem assim; também há uma cena da nossa geração que é, nós valorizamos experiências acima de estabilidade, formar família...

- monogamia não me faz sentido, pelo menos nesta fase, não imagino como é que isso pode encaixar na minha personalidade, na minha maneira de viver... e cada vez mais acho interessante relações abertas, onde não existe exclusividade... uma coisa que me faz imensa confusão é como é que toda a gente tem o mesmo tipo de relação? imagina que éramos namoradas, a minha relação contigo, não pode ser igual à minha relação contigo (apontando para outra pessoa). porque tu és diferente, provavelmente foi em fases diferentes da minha vida, eu sou diferente contigo e com esta pessoa, portanto como é que tudo tem as mesmas regras?
- Há muitas relações estáveis onde tu tens a consciência que a atração do outro por outras pessoas não diminui a atração dele por ti. Mas é preciso um caminho de maturidade emocional muito grande para tu enfrentares a pressão social e dizeres “não, esta pessoa pode estar com fulano x ou com fulana x porque no fim o que ela tem comigo, a intimidade que tem comigo, não é uma foda que a vai derrubar”. Ou tu te garantes e tens essa certeza em ti, ou então foda-se a tua relação “to be honest” (sinceramente). Eu tenho certezas nas minhas relações, tanto minhas como das pessoas com quem eu estou. E acho que nem sempre nós temos de aliar o sexo à emoção, acho que esse é dos primeiros erros.
- Acho que essa ideia das almas gémeas é só completamente tóxica para as pessoas. Achares que há uma pessoa que é a tua pessoa. Porque depois até encontras uma, dás-te bem com ela e se não funcionar, vai estar sempre “stuck” (presa) com aquela pessoa, num “mindset” negativo de ‘ah era aquela’ e vais estar sempre numa busca pela pessoa que vai ser a tua pessoa e achas que de alguma maneira te falta isso, estás a pôr as tuas expectativas e a tua felicidade 100% naquela pessoa que vais encontrar e vão ser super felizes
- nós também hoje em dia já vimos tanto do que existe e é aceito pela sociedade a falhar, que pensamos ‘para quê que estamos a repetir sempre a mesma merda?’

- é como dizeres ‘descreve-te em duas palavras’ e tu ficas ‘eh pa, como é que me vou descrever...’ E depois dizem-te ‘descreve-te em 10’ e tu já consideras ‘ok, eu sou isto, sou aquilo, sou um bocadinho disto também...’ enquanto que duas palavras é mesmo só ‘ou isto, ou isto’ e corta-te um bocado as asas. Enquanto que tendo mais opções eu acho que é muito mais libertador e muito mais conhecedor de ti mesmo
- Uma relação devia ser um contrato em branco, em que duas ou mais pessoas escrevem o que querem e assinam. Com todas as cláusulas que lhes convier. E eu não condeno pessoas que querem a monogamia para a vida inteira. Há pessoas para quem isso pode ser importante. Se eu tivesse de dizer numa metáfora o que faz as relações de hoje em dia diferentes das de antigamente, é que fomos apagando cláusulas que não fomos nós que pusemos no contrato de uma relação.
- Todas as formas de escolha de vida devem ser respeitadas. A conservadora é uma delas. Portanto eu tenho muito respeito por quem acha que o casamento é para sempre, toda essa narrativa que eu sou contra, mas sou contra pela sua imposição.

4. Conversa com M.V. (amigo de infância com quem não tinha comunicação há vários anos, até demonstrar interesse em participar nesta investigação)

A partir desta conversa, resultou uma pequena experiência visual: <https://youtu.be/6c8f7rZq7Xk>



“Andava há uns tempos a pensar que o amor é uma coisa que eu quero, e que tens muitas formas diferentes e que não me posso inibir de amar toda a gente em que a coisa germina... E se eu amo três pessoas de forma diferente está tudo bem. E se eu as amo ao mesmo tempo também está, e aquilo que partilho com elas não deve chocar com o facto de poderem ser várias... Mas agora começo a pensar se não estou a pensar nisso porque o meu libido não me deixa sentir livre dentro de uma relação convencional. E se estiver, também qual é o problema? A cena é que agora estou meio assustado, porque não vejo as pessoas a compreender isso muito bem... E eu não sei se compreendo isso muito bem. E estou a fazer um esforço por deixar a honestidade falar mais alto. E estabelecer limites para mim mesmo. É muito difícil distinguir o que eu quero, do que me ensinaram que eu deveria querer.

Estou a ler um livro *The Ethical Slut* e encontrei isto: ‘So let’s honor the courage it takes [...] to share vulnerable feelings - let’s pat ourselves on the back when we do the things that scare us, and then let’s do them some more.’ Tem-me ajudado a abrir um bocado a caixa de Pandora destas coisas do amor.

Se eu estiver numa relação, vou querer falar de tudo! Ser honesto mesmo sobre as coisas que não se quer falar às vezes, coisas como a liberdade de eu me poder aproximar de outras pessoas mesmo estando numa relação, porquê que eu não poderia? Porquê que eu deveria estar preso só por estar apaixonado? Isto tudo porque na minha relação anterior eu recusei um café com um rapaz com que queria tomar esse café, mesmo sabendo que isso poderia levar a outras aproximações no campo das emoções. ‘Porque era impróprio, pois estava numa relação’ Tipo, o quê?? Não à coibição! E por confrontar o meu ex com coisas tipo ‘vamos falar dos teus ciúmes’ e ele me dizer ‘não tenho ciúmes, invento ciúmes para não te aproximares das outras pessoas’, ao que eu reagi com indiferença, porque não sabia lidar com a honestidade dele.”

5. Conversa com duas amigas de infância sobre identidades *queer*¹²

“Hoje em dia eu identifico-me como assexual, foi uma coisa que me demorou muitos anos a descobrir, eu só achei, toda a minha juventude, que havia algo de errado comigo, que eu estava incompleta, que estava "partida", o que é mais do que comum na nossa comunidade. A cena é que já há uma consciência relativamente abrangente do que é a homossexualidade e tens exemplos e representação nos media, ainda que muito longe do que seria desejável, e isso faz-me rejubilar! Mas a verdade é que há uma total *erasure* do *ace spectrum* e essa é uma luta que eu travo desde que aprendi que como eu há outras pessoas e não é assim tão incomum e "vai ficar tudo bem". Houve uma altura em que eu usava a minha *label* como um *badge* e estava orgulhosa porque sabia o que era e isso dava-me força. *I'd come out super early* a malta que conhecia na faculdade (até que tive uma má experiência e passei a avaliar melhor as pessoas em quem confiava). Depois com o tempo tornou-se menos importante e era só um lado de mim. Eu habituei-me tranquilamente a ideia de que não era o tipo de pessoa que tinha *romantic partners* e isso é ok, eu compreendo que pessoas hétero e cis experienciam desejo sexual e isso era uma coisa que não estava em mim e por isso só era justo que eles fossem *find it with someone else*. E depois conheci alguém que contra todas as minhas expectativas não tinha um problema com *loving someone asexual* e isso foi tão revolucionário para mim e ele era tão carinhoso e seguro e tranquilo que eu senti-me confortável para ter experiências com ele que eu não confiava em mais ninguém para ter. E foi ok. E neste momento eu estou numa relação que tem uma componente sexual e obviamente isso foi algo que me fez reconsiderar a minha *label*. Era justo continuar a identificar-me como *ace*? Não era falso continuar a fazer parte da comunidade lgbt quando mantinha uma relação com um *straight cis man*? Apesar de eu sentir que nada tinha mudado? E eventualmente conclui que ainda que esteja *passing as a straight relationship* os meus sentimentos não mudaram. Eu continuo a não experienciar uma *sexual urge*. É agradável o ato mas não é algo que eu faça questão. É tipo *bowling*. É ok. Esta relação tem essa dimensão. A próxima pode não ter. Eu não olho a minha volta e

¹² a autora tomou uma escolha consciente de manter anglicismos e expressões em inglês, por ser muito característico da forma de falar e escrever destas pessoas em específico e também geral à geração em estudo

vejo ninguém como seres sexuais. *I don't know* é tudo um enorme espectro, toda a gente tem dias em que se sente mais *sexually active* menos *sexually active*, mais bi, menos bi. Meio que deixei de ter *label*, porque deixou de me definir exatamente, mas se me perguntares digo *ace* e continuo a identificar-me com a comunidade. E é-me particularmente próximo que porque *ace* passa por *straight* me digam que não há discriminação. Claro que há. A constante negação da minha identidade como válida. O quererem constantemente forçar-me a assumir uma coisa que eu sabia que não era para mim, o sexo "corretivo". É mesmo uma questão que me é muito próxima. Ainda este ano calhou conhecer esta rapariga na faculdade que vivia completamente encerrada dentro dela própria porque com 5 ou 6 anos descobriu a masturbação e tendo pais conservadores obviamente *traumatized it out of her* e tabu para cima e pecado para cima. Isto criou um enorme complexo de ódio próprio nela e quando um colega mostrou interesse e iniciativa ela ficou tao assoberbada que perdeu a virgindade aos 13, numa casa de banho pública. E depois trauma de abandono. E dismorfia corporal. E relação tóxica. E evidentemente trauma com sexo. Daqui resulta que sempre que em conversa natural entre colegas o tema vem ao de cima ela ficava super desconfortável. E a reação normal é "tens que ultrapassar isso. Sexo é uma coisa super normal. Faz falta na vida. Esquece isso". Acontece que eu comecei a ouvir uns sussurros e não que eu a conhecesse bem de todo, e muito temerosa de me estar a meter onde não era chamada, mas um dia fomos tomar café e eu disse-lhe "não quero projetar a minha situação em ti mas é assim que eu me sinto e quero que saibas que não estares interessada em sexo não faz de ti uma pessoa incompleta, és perfeitamente inteira, esquece o que te disseram blablabla". E foi tão positiva a reação dela, como se estivesse a acordar que foi como se eu tivesse encontrado paz outra vez por ela ter encontrado a dela. E desde então, conheci outra pessoa *ace* na faculdade e o que há msm é uma desvaliação dos sentimentos desta malta que não sabe o que se há de chamar."

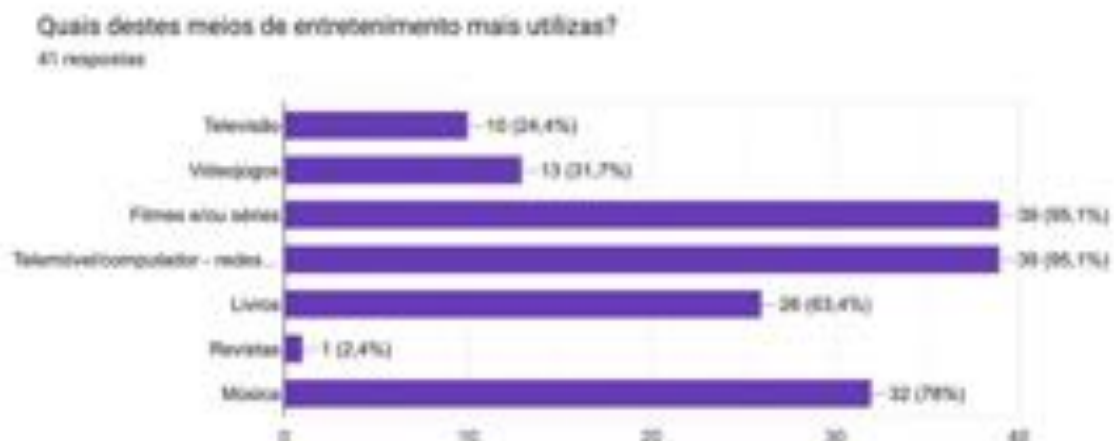
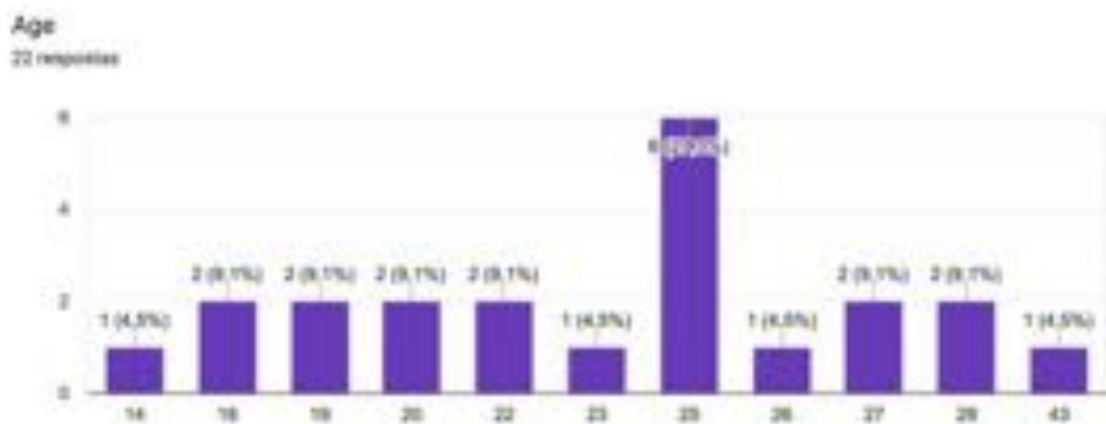
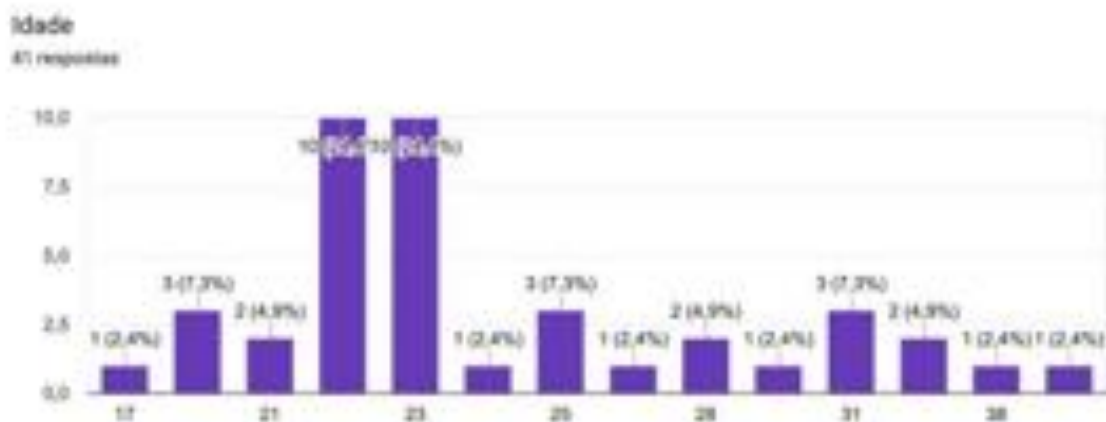
“Também tenho um ponto em comum! Esse da ‘constante negação da minha identidade como válida. O quererem constantemente forçar-me a assumir uma coisa que eu sabia que não era para mim’. Basicamente... para aí há duas semanas só, finalmente admiti a mim própria que era bissexual, o que foi muito mais interno do que externo,

porque inclusive falei com amigas próximas já, algumas das quais me disseram ‘eu achava que isso já era sabido, tu literalmente já falaste de uma rapariga pela qual te tinhas sentido atraída’, mas não te sei explicar exatamente o porquê ou o como, mas fiz um clique em que de repente aceitei que sim, sentia essa atração por toda a gente.

E, por absurdo que pareça, uma das coisas que me fez sentir finalmente à vontade com isto foi o *tiktok*, porque, não sei se usas, mas eu agora estou super viciada, achava que era parvo e agora é a minha rede social preferida, e encontrei um cantinho muito amoroso de *tiktok* LGBTQ+ em que várias pessoas sentiam o mesmo... só tinham experiências com rapazes porque era o mais ‘aceite’ e o mais fácil, então sentiam-se culpadas de admitir que eram bi, porque parecia que ‘queriam atenção’ e apercebi-me que era isso que andava a fazer há bastante tempo... E decidi também ‘*come out*’ para amigos e família próxima... E hoje quis fazer isso com os meus pais e, again inspirada pelo *tiktok*, fiz um bolo que dizia ‘sou bi’ em cima porque estava nervosa, cozinhar acalma-me, e se corresse mal tinha bolo... E a reação deles não foi de todo má, por isso, mais uma vez, sinto-me meia culpada de sequer reclamar porque há pessoas que têm experiências mesmo traumatizantes com os pais... Mas também não foi boa, e a verdade é que senti-me mal na mesma e meia a chorar e achei que se calhar irias entender.”

“Claro que sim... Compreendo perfeitamente. A comunidade é maravilhosa mas o lado que faz pessoas sentirem-se culpadas por não saberem como se identificam ou por terem dúvidas é horrível. Porque contamina a segurança de um espaço que não devia julgar. Até percebo melhor do que isto. Tu não tens que ter experiências com raparigas para saberes e poderes dizer se assim o quiseres que te sentes atraída por elas. Quando somos pequenas sabemos que gostamos de rapazes (*if that's our thing*) muito antes de termos experiências com rapazes. E é absurdo exigir "provas" da tua atração. A comunidade não é um clube. Não há provas de admissão. E é horrível que nos façam sentir que sim. Fico muito feliz por ti que tenhas chegado a uma etapa em que te conheces melhor a ti própria e estas mais a vontade com os teus sentimentos. Fico mesmo. E quanto aos teus pais, pode ser que eles precisem de um bocadinho de tempo para perceber porquê que isto é importante para ti. E se não, estamos aqui nós todos também.”

6. Respostas a questionário online partilhado em grupos variados pelas redes sociais, que serviram de início para as perguntas de investigação. Estas respostas foram extremamente úteis para a criação do jogo *One Foot out of the Closet*. Tanto para entender que tipo de conteúdo seria mais interessante para o público alvo como também para atingir o objetivo de representação inclusiva de relações românticas, a partir das falhas apontadas pelos participantes (dois questionários com as mesmas questões, um em português e um em inglês para uma maior abrangência de participantes)



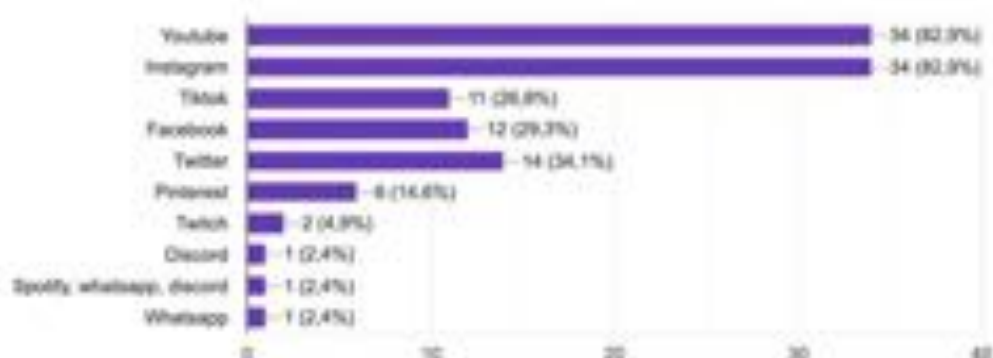
Which of these entertainment mediums do you use the most?

22 responses



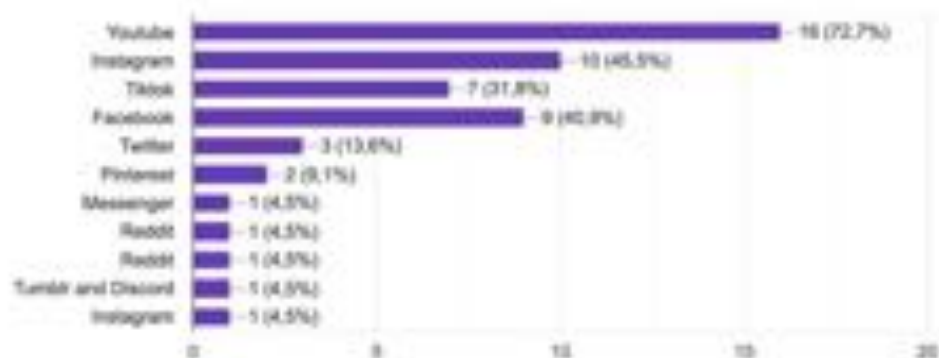
Dentro do mundo da internet, qual/quais as plataforma(s) que mais utiliza(s)?

41 responses



Between social media platforms, which ones do you use the most?

22 responses



Onde costumam consumir mais conteúdo audiovisual (séries, filmes, curtas, vídeos ensaios...)

41 responses



Where do you consume audiovisual content the most? (tv shows, movies, shorts, video essays...)

22 responses



Onde costumás ouvir música?

41 responses



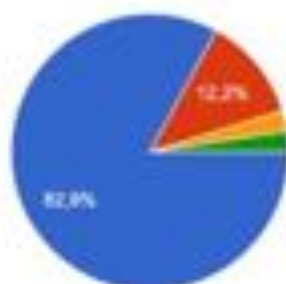
Where do you usually listen to music?

22 responses



Já encontraste, em algum destes meios, uma boa representação daquilo que consideras ser uma boa relação romântica (algo que guardes como um exemplo a seguir, inspiração, etc)

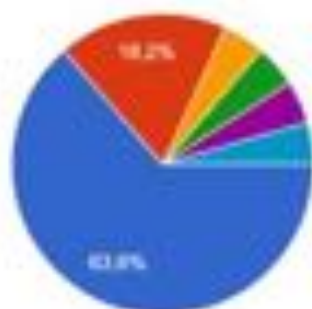
41 respostas



- Sim
- Não
- Mais ou menos... Vejo muitas relações "alógicas" ou "dramatizadas" a um ponto que não me consigo associar. Mas, há sempre algum exemplo que nos conseguimos associar por mais pequeno que seja.
- Depende. Há muitos estereótipos e muitas relações bem representadas.

Have you ever found, in any of these means, a good representation of what you personally consider a good romantic relationship? (something that stuck with you as an inspiration)

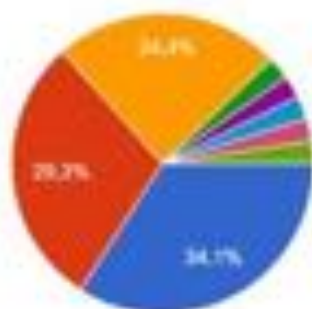
22 respostas



- Yes
- No
- It happened like once or twice but it's really an exception compared to the amount of heterosexual monogamial r...
- Sometimes but most are unhealthy behaviors and drama
- Only if the situations are relatable
- I guess theory romantic movies could be considered to do this

Essa relação é entre personagens ficticiais (numa série, livro, etc...) ou entre pessoas reais (youtube, música, etc...)?

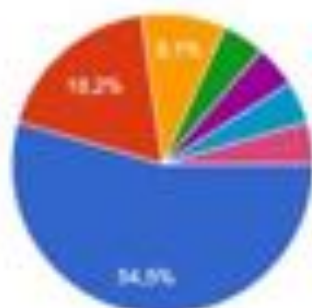
41 respostas



- Ficção
- Realidade
- Amboas
- Amboas
- Amboas
- Amboas
- Amboas
- Não encontrei nenhuma boa relação
- Em nenhuma

If yes, is that relationship between fictional characters (in a tv show, a book, etc...) or between real people (youtube, music, etc...)?

22 respostas



- Fiction
- Reality
- Both
- I answered no before
- N/A
- Both (or)
- Both, honestly

Descreve com 4/5 palavras como é essa relação ou o que mais valorizas nela?

41 respostas

São duas pessoas que se divertem uma com a outra, que são honestas, open-minded e boas pessoas e não se julgam mutuamente

Honestidade, kindness, autenticidade, calma, adventures

sentido de humor, cumplicidade, companheirismo, comunicação

Lealdade honestidade humildade amor química

Amor próprio, ou amor de si?

Respeito consentimento valorização diversão comunicação

Não tenho

Amor

Pode haver amor sem isso.

Carinho, paixão, empatia, diversão, comunicação

Confiança, companheirismo, estão prontos para aprender um com o outro

A liberdade e individualidade que continua a existir em cada um

Liberdade e Confiança

Respeito mútuo, confiança total, compreensão, e saber perdoar

comunicação honesta e frequente, muita auto-análise, partir de um lugar de amizade, wokeness

A honestidade entre o casal.

As (poucas) relações das quais me lembro são genuínas e honestas.

Respeito, comunicação aberta e ativa, liberdade para evoluir

Cumplicidade e genuinidade

honestidade, confiança, lealdade

Inspiracao

aberta a discussões variadas

Describe, with more or less 5 words, what you value the most in that relationship

22 respostas

Understanding and caring for each other as well as good communication and clear boundaries

Independence, freedom, care, communication and art

Equal trust and respect from both parties and constant communication

The genuine emotional development and love

Honesty, Communication, Respect, Interdependence, Self growth

Lesbian communication poly normality

Communication, adoration, boundaries

Trust, respect, friendship and emotional stability

healthy communication fixes everything

Loyalty, integrity, love, admiration

I value honesty and respect.

Love, respect, support, truth, sex

fluid, soft, relax, partnership, vibes

Honesty and being your true self

Honesty

trust

I value honesty in relationships

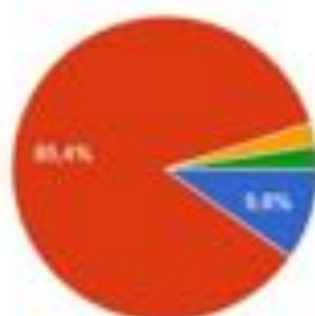
Communication and respecting boundaries

Honest and healthy communication

The support and the love

Consideras que o teu tipo de relação ideal é representado frequentemente nos diversos media?

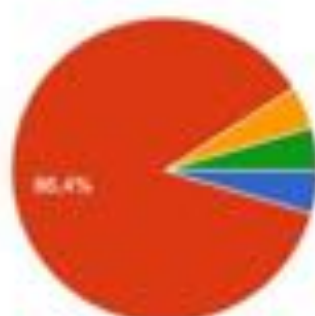
41 respostas



- Sim
- Não
- Sim, mas creio que relações demasiado ideais podem amorrar a experiência de namoro na vida real.
- Não tenho relação ideal.

Do you consider that your specific ideal relationship type is often represented in the media?

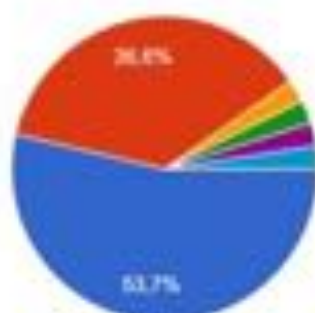
22 respostas



- yes
- no
- Sometimes, and other times no
- At some aspects yes, some aren't so much.

Consideras que o teu tipo de relação ideal é alguma vez representado nos diversos media?

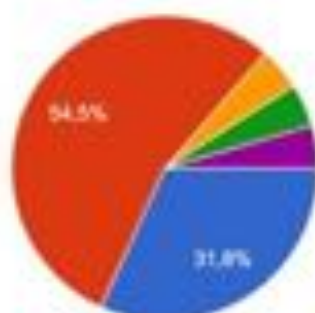
41 respostas



- Sim
- Não
- Sim, mas é um tema que pode se abordado com mais profundidade P
- Sim é. Por vezes, numa panóplia de situações genéricas que não me consigo associar.
- é difícil responder a isso porque as relações que eu idealizei nos media s...
- Não sei

Do you consider that your ideal relationship type is represented in the media at all?

22 respostas



- Yes
- No
- Maybe but I'm not aware of it
- Rarely
- Technically, yes. In one show that I'm aware of.

Se sim, consegues dar exemplos? (indica o nome das pessoas/personagens e o contexto em que se inserem - nome da série, canal do youtube etc...)

17 respostas

Não

-

algumas reportagens de meios de comunicação, foram melhor representados em plataformas independentes apesar de alguma (pouca) representação nos media tradicionais

Sex education, Youtube: shan boohem, alyna jry

O casal do marriage story foi o casal mais real que vi em ecrã, apesar da relação não ter resultado

Fitzsimmons da série Agents of SHIELD)

The Good Place - A Eleanor Shellstrop é bissexual, mas está numa relação heterossexual sem que a sua bissexualidade seja relevante ou, por outro lado, refulada. Ainda que ela seja a personagem principal, a sua orientação não é usada como plot point e, consequentemente, insere-se com naturalidade na série.

Procure um video chamado "Forty Paws" no YouTube.

Fior e manu	Algumas séries ou filmes, não consigo pensar em algo específico agora.
Tyler and Todd (Youtube)	-
Youtuber Elora ou Lelo Brandão	Série: What's wrong with secretary kim Personagens: Lee Young Joon and Kim Mi So.
Marshal e Lily (foi assim que aconteceu)	Jenna e Julien (youtubers)
N/A	Não
YouTube Cady Ko e Kelsey Koppel	Lonsaie e Dolphine - Atomic Blonde (filme), Wei Wuxian e Lan Wangji - The Untamed (série), Jenna Marbles e Julien Solomita (YouTube)
Não existem	Cadê a chave, simplynalogical
Jojo e silent voice	não
Looking - HBO	não

Kena e Ziki (filme Rafiki) Casey and Izzie (série Atypical) Marceline and Bubblegum (série Adventure Time) Connell and Marianne (série/livro Normal People) Steve Bozbi and Joie, Jessica Kalgren Frootard and Claudia, Jenna Marbles and Julien, Jamiedogger and Shasha (YouTube)

Respondi não

Todd e Yolanda (BoJack Horseman)

No caso de Atypical, já passei pela fase que Casey e Izzie vivenciam naquela fase de sair do armário. Também em uma webserie Contos Latentes que fala de mulheres lésbicas e suas vivências.

A vida é bela

Filmes "your name" (kimi no na wa), "a culpa é das estrelas", "saga twilight", "midnight sun" (tateyou no uta), "sky of love" (kizuna), etc

Amy and Jake (tirando o episódio do debate dos filhos) BFF, chidi and Eleanor the good place

If so, can you give specific examples? (please indicate the names of the the people/characters as well as the context they are in - name of the tv show, youtube channel, etc..)

22:43:01

Mostly lgbt you tubers such as queer kwai

No, I can't

Shows like the owl house, the dragon prince, bloom into you, and just any media with deep relationships, even other than romantic ones

no

Not many non-monogamous, non-straight relationships in the media

.

any mainstream media

the aunts in Practical Magic, Sophie and Howl in Howl's Moving Castle

Nada

I enjoy the Gómez and Morticia's relationship and some anime relationships.

N/A

I liked the lesbian relationships presented in the latest series of "Master of None," but then everyone good about them was eroded with infidelity. I like the characters in "This is Us," but then racial politics started to undermine a family unit in a way that felt very contrived. I think "You're the Worst" has some of the best and most realistic characters, but I wouldn't aspire to be them. "Love" also has a great and realistic relationship, but it's super heteronormative and straight and addiction isn't something I deal with.

I don't

N/A

dick grayson and barbara gordon - dc comics. yūri katsuki and victor nikiforov - yuri on ice. steve rogers and bucky barnes - the mcu movies (specifically). bucky barnes and natasha romanov - marvel comics. billy kaplan and teddy alman - marvel comics. peggy carter and angie martinelli - agent carter (tv show). sicut and mvo - the stranger by the shore. percy jackson and annabeth chase - the percy jackson series. rico di angelis and will solace - the heroes of olympus. jenna marbles and julien solomita - both have youtube channels under their own names. korea and asami sato - the legend of korra.

TV show: 2 broke girls

in Lore Olympus, Hades and Persephone. This is a webtoon

Honestly can't think of a specific one?

Star Trek Discovery has a trans character and a non binary character, I don't know their names

Se não, o quê e como gostaria que fosse representado?

37 respostas

Um homem sem amarras heteronormativas.

Mais relações queer e poli saudáveis.

Uma maior igualdade entre os pares, no caso heterossexual, normalmente a rapariga só pode ser ou super-submissa ou independente e solteira - não abrange a mulher contemporânea. E normalmente os casais são sempre representados com vida feita ou orientada, não apertam os stresses duma relação jovem, em que um ganha mais que o outro, ou que não tem nada, ou as distâncias absurdas, os estudos/trabalhos a meterem-se no meio. O problema não está só na igualdade de género, está na própria fuga à realidade da sociedade, parece que só vejo casais dos contos de fadas, quanto muito tem uma discussão e depois "viveram felizes para sempre"

Gostava de ver mais bissexuais que tivessem relações tanto hetero como homo ao longo da série, sem que isso seja um plot point relevante.

Menos toxicidade nas relações homossexuais ou variedade.

Relações homossexuais saudáveis, estáveis, sem traumas, sem mentiras, sem drogas.

Sendo membro da comunidade LGBTQI, ainda sinto que sofremos do típico ridendo castigat mores, ou seja a rir se dizem as verdades.

Qualquer personagem principalmente portuguesa acaba por ser um estereótipo confirmado de um gay. Penso que nunca vi representado bem um gay entre os 18 e 25 anos com namorado ou à procura de, sem terem a necessidade de colocarem características exuberantes.

Acho que nunca serei bem representado quando a sociedade obriga uma pessoa não heterossexual a ter de se assumir como algo que não é e refutar se outra coisa que não seja o normal de acordo com a mentalidade que ainda profere.

Relações saudáveis em que estar numa relação é uma opção consciente e onde estamos com a pessoa porque gostamos da companhia em vez das representações que existem em que estar numa relação é estar emocionalmente dependente de alguém e onde anulam quem eles são.

Respondi sim

Mais compreensão e igualdade relativamente a ambos os parceiros na relação.

Gostava q houvesse mais transparência e que as relações fossem representadas como realmente são e não como uma estilização aperfeiçoada da versão original.

Em livros e séries

De uma forma mais realista, com menos "Títulos" e menos romantizada.

Representatividade importa. E representatividade tem um papel de chegar aos pequenos e grandes ecrãs e mudar-nos para sermos mais na nossa meio pessoal. Gostaria que aparecessem mais representações LGBTQ+ de auto-amor. Que não sejam dramatizadas como a pessoa que entra no portão da escola e tem todas os olhos nele, ou utópicas de um "conto de fadas" no fim e que ficarmos apenas com aquela pessoa... isto, para nós LGBTQ+, é preciso mais. Mais. Mais. É real. Não encontro muitos documentários biográficos hoje em dia. Talvez um pouco do trabalho da Cláudia Varejão.

Gostava que existissem boas representações de relações poliamorosas

Que não fosse de todo. A relação é para ser vivida sem cameras.

Mais representação e visibilidade. Conheço apenas dois casos em que a asexualidade é abordada em séries e numa delas (Sex Education) de forma secundária.

Na maioria dos filmes LGBTQ+ alguém morre, se mata ou não ficam juntos :(

Gostaria que deixasse de ser normalizado o facto de numa relação o tóxico ou o dramático ser o normal

Relações menos dramáticas e mais livres

Gostaria que as séries mostrassem amores mais realistas, chega ao fim, amor perfeito e final feliz, quando é mais complexo que isso, há discussões, desentendimento, complicações, estar num relacionamento não é tão perfeitamente simples como um "Desculpa e toma uma flor" como se representa muita vez

Relações que incluíssem pelo menos um parceiro asexual que não fosse tratado como se precisasse de superar um trauma ou adaptar-se melhor à sociedade, em que o parceiro sexual não fosse representado

Relações que incluíssem pelo menos um parceiro asexual que não fosse tratado como se precisasse de superar um trauma ou adaptar-se melhor à sociedade, em que o parceiro sexual não fosse representado como constantemente frustrado ou injustiçado ou heroizado por suportar a falta de uma dimensão sexual. Alternativamente relações asexuais entre amigos que vivem juntos e são parceiros de vida sem que todas as narrativas no mainstream media tenham que ser sobre casais sexuais ou romanticamente envolvidos. Também seria bom conseguirmos representar relações poli sem recorrer ao fetichismo ou ao estereótipo da promiscuidade e da objectificação feminina.

Acho que a relação deles é muito genuína e transparente no final, e isso é muito importante numa relação.

Mais diversidade e menos "relações-molde". Exemplo interessante: sex education da Netflix

Relações mais saudáveis, com menos ciúmes, maior liberdade e menos expectativas mesmo sobre quanto as pessoas devem lutar

Gostava que relações românticas entre mulheres fossem mais exploradas à parte de dramas históricos em filmes ou side plots de séries. Qualquer tipo de género poderia ser interessante, desde romances épicos a comédias light-hearted ou filmes de acção em que a relação "principal" é entre duas personagens femininas.

Que fosse representado sem scripts, o mais natural possível

valorização do espaço pessoal mesmo partilhando uma casa

If not, what and how would you like to be represented?

27 responses

I dont really know. I would like to see it represented in the real world with random people.

Well the representation is definitely there, and growing. I hope it will come to a point where everyone can see themselves and relate to varying characters.

good question...

In movies or tv shows, with a more realistic perspective

non-monogamous and non straight relationships

Actually, I do not believe in romantic love. So... I do not remember any couple like that in shows.

more realistic, more boring

more details in characters being there in your time of need

Reality

Queer platonic relationships or any other form of life partner that is not primarily romantic.

I would like to see healthy interdependent relationships. I also think queer people should be represented more in healthy relationships as lesbians are cliched as drama. I also think poly people and non committed relationships are growing in interest with younger generations and it is barely represented in media. I've noticed music, shows, movies that I do consume a lot of times are represented as toxic monogamy behaviors with the main characters. Things like cheating, dishonesty, jealousy, codependence, serial dating etc, tend to be the main themes. I get that this also keeps people intrigued though.

I want more relationships with non binary folk represented. But I would also like a healthy relationship with fat people represented.

-

I would represent myself, I suppose

Probably stopping the romanticism of toxic relationships xD

N/A

I'd really like to see more trans men in popular media

I don't think that there's my ideal relationship type that is being represented, but I don't even know what my ideal is. I think that by only having more representation of the LGBTQ relationship would be a good start

I'd like more "normal" characters who are incidentally gay and not necessarily gay. Flawed characters torn asunder by addiction, infidelity, or mental health issues might be realistic, but they don't give the fantasy of "I want to be them". My ideal pairing would be a person of Celtic heritage, autistic, non binary, fat, AFAB person and an obviously minority, AFAB, neurotypical lesbian. Together they would live in a small urban area, a less popular city that is underrepresented in media, like Indianapolis or some other city that seems more removed from what's most represented. They would have a life of relatively common folk without all the imposed glamour of Hollywood - like maybe you'd actually see them wearing the same winter coat ALWAYS, like real people who can afford only one winter coat. They would do their jobs and their relationship, perhaps pursue building a family, while working around the issues that autistic persons in relationships with neurotypicals face. I would like it not to be heavy on pandering to the ideals of immediate current events, so we could enjoy the characters and not worry about political, hot button issues.

Descreve, em +/- 5 palavras, como é que essa representação (ou a falta dela) te faz sentir (exemplos: visto, entendido, invisível etc.)

41 respostas

Indiferente

Visto

Entendida, incluída, parte do mundo

Diferente da população geral, faz-me sentir que tenho expectativas muito altas

Frustrada, fico com a sensação que nunca vou ter uma relação assim, porque essas representações são utópicas

A falta dela faz com que a normalização de relações disfuncionais se perpetue.

pouco compreendida

Como se os homens homossexuais fossem incapazes de ter uma relação amorosa duradoura e saudável, o que me faz sentir mais sozinho e mal visto pela sociedade

Sair do armário, pais homofóbicos, homofobia, amor entre mulheres não aceito pela sociedade

Aborrecida, sem sentido real

Sinto que os corpos poderiam afastar-se do padrão musculado.

Desapontada

Ambicioso, motivado

Incompreendida, confusa, zangada, entediada

Invisibilidade

Não me faz sentir nada

Visto e compreensão

Desinteressada e aborrecida

Incompreendido, deprimido, triste, zangado, e como se fosse uma anomalia

Sinto que era importante não tocarem apenas no romanticismo da coisa, cresci a pensar que só estaria completa e feliz num relacionamento, e isso ajudou a que eu me prendesse a pessoas menos boas para mim, pela ideia de estar num relacionamento e apenas isso me validar enquanto pessoa completa

doente, incompleta, insuficiente, indigna de amor, destinada à solidão, invalidada, gaslighted

Iludida, entendida, confortável

a representação faz me sentir incluído na sociedade embora seja tão pouca que nunca parece equiparar-se a outros modelos de relações

É-me indiferente porque sinto segurança na minha relação

Invalidada, pressionada...

Representação: acompanhada, compreendida, esperançosa, empoderada, entretida
Falta dela: perdido, triste, inseguro, entediado, zangado

Falta de representação, falsidade utopia fantasia estocástica

Faz-me querer encontrar alguém que tenha estas boas qualidades.

Incluído na sociedade / excluído

Como se fosse eu que estivesse errado e não quem romantiza relações tóxicas e de dependência emocional

Compreendida, normal,

imitado

Não

Nenhuma das relações que referi representa as minhas relações por isso em certa parte invisível mas também me faz perceber que dinâmicas funcionam e como adaptar a vida real

Visto com uma lente genérica.

Igual, humana, compreendida

Há esperança para as relações entre pessoas

Normalizado, compreendido, reconfortado por não ser um character trait.

Normal.

Describe, in more or less 5 words, how that representation (or lack there of) makes you feel (examples: seen, invisible, understood etc...)

22 answers

Invisible, annoyed, stigmatized

seen, validated, recognized, not alone.

Well for me I don't really care about being represented but it is worrying to see the younger generations think that toxic relationships are normal and ok

Invalid/less than

no one cares about mentally ill people

Hated

N/A

I can truly be who I really am, in owning my relationship

I wish there was more representation of healthy relationships in regard to boundaries and compromise. I see the exact opposite more in media and it normalizes abusive behavior.

I do feel understood, and that im not alone.

Nada

Understood

Invisible, lost, trapped, insufficient, lonely

Abnormal, weird, creepy or rude

It doesn't really affect me personally, but I believe that if there would be a better representation it could help people understand more about our community. It could help eliminate some of the prejudices and misconceptions

Invisible, Not understood, Not relatable.

Invisible, misunderstood

Unwanted, unlovable, butt of the joke

Full of questions..

It sucks that it's not more common

unseen

Invisible, misunderstood, trying to reach unrealistic expectations about relationships

APÊNDICE C

Links para outros trabalhos/experiências realizados por mim, quer de forma individual como dentro de um contexto coletivo, no decorrer da tese.

- Lives de “queerentena”, uma iniciativa do coletivo Brigada Estudantil, moderados e/ou co-organizados por mim:

- Comunidade Ace: <https://www.instagram.com/tv/CH3tNNEpAAZ/>

- Transfeminismo: <https://www.instagram.com/tv/CIbsdLjpXz7/>



- O mito da “ideologia de género”: <https://www.instagram.com/tv/CKU5WOAhUGI/>



- “Cultura do machismo nas faculdades”, do coletivo Brigada Estudantil, vídeo editado por mim, criado no contexto da organização do debate sobre o mesmo tema e também gravado, que levou posteriormente a uma entrevista para um artigo na secção P3 do jornal Público (de possível consulta, na sua totalidade, no Anexo B, ou através do link <https://www.publico.pt/2021/08/17/p3/noticia/ha-assedio-sexual-aulas-cursos-praxe-falta-denuncias-faz-fantasma-1973649>)

- link 1: <https://www.instagram.com/tv/CMVVIGnh9JM/>



- link 2: <https://www.instagram.com/tv/CGaEPHGJxCU/>



- Parceria FBAUL/IST: no contexto da unidade curricular de *Game Design*, no segundo semestre do primeiro ano deste mestrado em Arte Multimédia, realizamos uma parceria com alunos de engenharia informática do Instituto Superior Técnico. Esta tratou-se da criação de jogos, em grupo, unindo as valências de ambas as áreas. O processo de criação e respetivos resultados foram relatados num website com formato de blog criado e mantido por mim e pela colega Sofia Santos e pode ser consultado através do link <https://fbaulistgaming2020.wixsite.com/fbaulistgaming2020>



O jogo criado pelo meu grupo foi o *Time Thief* que pode ser consultado através do link <https://fbaulistgaming2020.wixsite.com/fbaulistgaming2020/time-thief-1>



APÊNDICE D

Vídeo Reel de vários projetos/trabalhos na área dos videojogos realizados por mim previamente ao desenvolvimento desta tese: <https://www.behance.net/gallery/80381917/VideoGames>

Por ordem de aparição:

- Exercício em *unity* no contexto da unidade curricular “Introdução ao Unity” da licenciatura em Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto

- “Find the lover/Cupido”: jogo desenvolvido em *processing* no contexto da unidade curricular “Linguagens de Programação” da licenciatura em Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, onde obtive algumas das competências necessárias para a produção prática do jogo “One foot out of the Closet”.



- “Piglet Escape”: jogo desenvolvido em *unity*, com três níveis diversos, na terceira pessoa, em que o jogador controla o porquinho *Frankie* desde a sua fuga de um matadouro até encontrar um santuário animal, fugindo de um trabalhador do matadouro, encontrando objetos escondidos que dão pontos extras e a capacidade de avançar no jogo.



- “Quick Logo”: jogo desenvolvido em *processing* no contexto da unidade curricular “Psicologia da Comunicação” da licenciatura em Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto onde solidifiquei alguns dos conhecimentos técnicos de programação para videojogos e também onde explorei pela primeira vez um jogo com resultados variantes, resultantes da escolha pessoal dos jogadores.



-Diversos exercícios em *unity* no contexto da unidade curricular “Introdução ao Unity” da licenciatura em Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto.

APÊNDICE E

Comentários e desabafos que são demasiado pessoais e emotivos para serem incluídos no contexto formal desta tese, mas que não podiam ficar de fora, porque alimentam de forma tão direta este trabalho.

27/04/21

Andei de mão dada em público pela primeira vez estando numa relação *queer*. Eu sabia que era agressivo. Eu já tinha ouvido as histórias de todos os meus amigos. Mas eu não esperava, talvez muito inocentemente, que fosse tão mau. Que fosse diário, que fosse acontecer logo... Não esperava os olhares de desprezo, os comentários meio sussurrados. Principalmente não esperava que fosse possível ter um homem de 60, 70 anos? A cuspir-nos para os pés. Com nojo. De umas mãos dadas.

20/05/21

Pode soar um pouco egoísta, mas é mesmo verdade que quando as coisas nos acontecem a nós ou aos nossos, tudo ganha uma nova dimensão. Agora que sinto na pele o que é viver enquanto pessoa *queer* todas as histórias que ouvi anteriormente me voltam à cabeça. Sento-me aqui hoje a pensar em como, no oitavo ano, o meu melhor amigo da altura não pode contar ao pai que era gay, porque o ouvia a dizer coisas como “já viste, que pouca vergonha? O que vale é que vão todos arder no inferno” quando via dois homens de mão dada na rua. E quando uma amiga minha apanhou um murro por ter cabelo rapado. Ou nas várias histórias que ouvi na primeira pessoa, de interações violentas com a polícia, desde o rapaz que foi levado para a esquadra quando era adolescente por ter roubado uma garrafa do supermercado e de repente isso foi justificação suficiente para levar pontapés e murros de vários polícias, no silêncio e na invisibilidade de uma esquadra, enquanto lhe chamavam paneleiro e o insultavam de todas as formas possíveis. Ou quando são os próprios polícias, que nos tentam convencer de que servem para nos proteger, que nos assediam na rua. Nunca vou esquecer quando um deles assediou uma amiga, que em vez de ficar calada lhe respondeu com “nojento, ouviste o que me disseste??” e a resposta foi “ai é? então um

dia que sejas violada não venhas pedir ajuda à polícia”. Gostava que tudo isto fossem histórias inventadas, mas infelizmente acho que nem as nossas invenções e a nossa imaginação chegavam tão longe no nível de desrespeito e violência, física e psicológica, que esperávamos receber.

09/06/21

Já comecei a aprender onde são os sítios de Lisboa onde não podemos mesmo dar a mão. Ainda fico irritada. Ainda não consigo achar isto normal. Espero que nunca ache. Mas enquanto isso, precisamos de nos proteger.

17/07/21

Apercebi-me ao reler isto que refiro imensas vezes o “dar a mão”. Achei simbólico do quão pouco é necessário para que aconteça violência. E também demonstra o quão pouco nos sentimos à vontade para fazer nas ruas que também são (ou deveriam ser) nossas. São demonstrações de carinho, não de violência. E se nem podemos dar a mão, nem chegamos a considerar beijar-nos na rua. Ou quando o fazemos, então acontecem casos como o que vimos no arco do cego¹³.

24/09/21

Com risco de parecer exagerado, nunca um acabar de uma relação me doeu tanto. Nem daquelas que foram mais duradouras ou “sérias”. E dói muito mais por nem poder falar com os meus pais, por ter de fingir que está tudo bem quando estou com a minha família. Porque não lhes posso falar do final de uma relação que eles nem sabiam que tinha começado...

¹³ <https://magg.sapo.pt/atualidade/atualidade-nacional/artigos/casal-mulheres-abordado-agentes-atos-teor-sexual-pp-esclarece>; <https://www.esquerda.net/artigo/concentracao-contra-LGBTQifobia-hoje-em-lisboa/74719>;

26/11/21

Tive coragem de dar um beijinho, muito pequenino e simples, na rua, só como despedida. Ouvimos logo um “eiii” coletivo de um grupo de homens, nos seus 60 anos, mais ao fundo da rua. Expectável, mas fico sempre desiludida.

01/12/21

Hoje tentei sentar-me, focar-me e escrever esta tese. Estamos na reta final, não me posso distrair com nada... Aguardei 20 minutos sem receber uma chamada. Se calhar deveria ter ignorado para me focar no trabalho à minha frente, mas li o nome do contacto, vi que era de um companheiro de coletivos e como sempre não consegui não atender.

Precisavam de ajuda e de possíveis contactos que eu teria, para conseguir o mais rapidamente possível apoio jurídico para um rapaz que sofreu um ataque homofóbico no Martim Moniz há mais ou menos 10 minutos. Foi a uma esquadra, onde está neste momento, e como sempre ninguém se demonstra disponível ou com qualquer interesse para o ajudar. Desvalorizaram o incidente, disseram-lhe que “como não é um caso grave” vai ter de esperar no mínimo 4 horas. Com um bocado de sorte, e conhecendo já demasiado bem estes casos, os polícias ainda se deverão ter rido do “paineiro que apanhou um susto”.

A denúncia que tentou fazer: insultaram-no, cuspiram-lhe no olho, ameaçaram-no, seguiram-no. Mas “não é um caso grave”. Porque realmente não é. Estatisticamente, isto não é um caso fora do normal. Um ataque violento a uma pessoa *queer* no centro de Lisboa é só mais um dia. Este simplesmente calhou de chegar até alguém que está a escrever sobre isto, calhou de receber uma queixa na polícia, esta pessoa calhou de ter coragem para pedir ajuda e para denunciar o que realmente não deveria nunca ser normal. E se este caso tivesse seguido outro rumo, a verdade é também que, para o resto do mundo, a morte de um jovem *queer* seria só mais um número. Um número que aumenta diariamente mas de forma silenciosa.

Mas voltando um bocadinho atrás... No Martim Moniz, foi isso que disseram na chamada? Na praça que fica ao final da rua onde eu própria estava, nem há uma hora, a

beijar uma mulher? Sim. Podia ter sido eu. Podia ter sido qualquer um dos meus amigos.

Okay, não é hoje que trabalho na tese... vou fazer mil chamadas e vou ter com ele, porque o apoio emocional de alguém da comunidade, mesmo que de uma estranha, é tão importante como o melhor advogado que a ILGA ou a rede ex aequo ou a Casa Brasil ou qualquer outra organização ou coletivo lhe consigam arranjar. Mas também escrever na tese não importa para nada neste momento, porque o meu objetivo com ela sempre foi o de ajudar a minha comunidade e dar-lhe, por pouquinho que seja, a voz que nos roubam constantemente. E é isso que é preciso fazer, neste momento, amanhã e todos os dias. E a verdade é que normalmente há sítios mais importantes para estar do que sentada a uma secretária. Neste momento é numa esquadra.

02/12/21

Uma pequena atualização ao caso de ontem. O rapaz decidiu abandonar a queixa. É brasileiro e imigrou recentemente para Portugal, ainda está a meio do processo de legalização de toda a documentação. Não deveria importar, mas a verdade é que sabemos que importa. Se apresentar queixa contra os maus tratos da polícia e o desprezo pela sua situação, podem usar isso contra ele. A polícia também sabe, e usaram isso contra ele, para o intimidar. Não deveria importar, a Casa Brasil ofereceu toda a sua ajuda, mas o medo falou mais alto. É compreensível, os desafios já são tantos, demasiados, não é possível aceitar mais nenhuma dificuldade que possa surgir neste processo.

Não é mesmo possível salientar vezes o suficiente o quanto a luta política tem de ser interseccional, todos estes problemas estão sempre tão relacionados, a estrutura de poder é sempre a mesma, quer sejamos *queer*, mulheres, pessoas racializadas, imigrantes, etc, etc, etc...

25/02/22

Provavelmente esta será a última entrada neste *logbook* de desabafos, se tudo correr bem. É também o que tem aparentemente menos relação com o tema desta tese.

Mas é impossível falar tanto de interseccionalidade durante a tese inteira e depois não incluir um dos maiores acontecimentos políticos da atualidade. As ligações entre o regime russo de Putin e os atentados aos direitos LGBTQ+ são feitas com facilidade. As consequências para a comunidade *queer* de um alargar do poder imperialista do mesmo, também são claras. No entanto, não é sobre isso que consigo escrever neste momento. Os desafios do dia a dia enquanto pessoa *queer* sociabilizada como mulher, uma separação romântica, uma perda de emprego, o *stress* ou o esgotamento nervoso que surgem por escrever uma tese... Tudo isso se torna tão incrivelmente insignificante num dia em que, depois de passar uma noite inteira a conversar com uma grande amiga ucraniana, de Kiev, a tentar distraí-la e fazer companhia, acabo por adormecer e acordo de madrugada com a notícia “Rússia cerca Kiev. Ucrânia compara o ataque à capital com a invasão nazi”. E a troca de mensagens “*I’m trying to leave Kyiv. I’m super scared right now and I don’t know if it was a good idea. We sat in a full train and people on the platform started running away and screaming, and we couldn’t even move. I was preparing to die. I am also sitting next to the window and I was afraid someone would shoot. The police immediately ran here and I still don’t know what it was but apparently just a provocation.*” “*Fuck, everything must be so scary right now. I am so sorry. Where are you going to go?*” “*Lviv, it’s a lovely city on the west*” “*Okay, let me know when you’re there and safe. Are you with your family?*” “*No, my parents don’t want to leave our home.*” “*Oh no... but you’re not alone right??*”. Silêncio. Passaram 3 horas. Passaram 7 horas.

25/06/22

Dia do arraial *pride* em Lisboa. O meu primeiro. Encontramo-nos com amigas, uma delas, uma rapariga trans de 19 aninhos. Já não vive em casa há anos, já se encontrou mais vezes do que consegue contar em situação de sem abrigo, quase nem fala com a mãe... Super entusiasmada para ir ao *pride*, um dos seus primeiros! O local que deveria ser um lugar seguro para toda a comunidade *queer*, em que sentíamos exatamente isso, um sentido de comunidade, onde sabemos que o resto do mundo nos pode julgar mas ao menos ali estamos na nossa bolhinha, mesmo que apenas um dia por

ano... Infelizmente a bolha é facilmente rebentada e a transfobia não é exclusiva a pessoas hetero. Estamos na fila para as casas de banho e de repente ouvimos, direcionado à nossa amiga: “tranny¹⁴, sai daqui, isto não é lugar para ti!”.

¹⁴ insulto/termo pejorativo comumente usado como forma de discriminação contra pessoas trans

ANEXO A

Intervenção completa de minha autoria para o Encontro Nacional do Bloco de Esquerda para aprovação do programa eleitoral para as legislativas de 2022. Uma reflexão sobre a importância política da cultura.

Boa noite camarades e amigos, hoje venho-vos falar enquanto membro jovem do bloco de esquerda, mas principalmente enquanto estudante e trabalhadora da cultura. Todos os anos a população portuguesa ouve falar, de forma muito distante e quase exclusivamente a partir dos meios de comunicação clássicos, sobre as propostas de lei do orçamento do estado e as suas respetivas negociações. A surpresa e confusão que surgiram após o chumbo do Orçamento de 2022 revelam um problema bem mais profundo na forma como falamos sobre política, na falta de transparência e de proximidade das pessoas para quem realmente a fazemos.

Este problema afeta principalmente os jovens, que iniciam a sua pesquisa política sem qualquer tipo de orientação, e os trabalhadores independentes que não têm acesso a informação simplificada sobre o tipo de apoios aos quais têm direito.

Ambos estes grupos se cruzam quando falamos nos trabalhadores da cultura. Nós, que fomos dos primeiros a sofrer com a pandemia, obrigados a parar as nossas atividades e ao mesmo tempo a disponibilizar o nosso trabalho online, de forma solidária, como forma de encorajamento para melhorar as condições de uma vida isolada. Fizemos isto com agrado e pelo sentimento de responsabilidade social que muitos artistas partilham como motivação na sua criação artística. Mas não esperávamos, talvez inocentemente, que a resposta após mais de um ano e meio e de tantas promessas tanto do primeiro ministro e do ministério da cultura, fosse a de um orçamento sem dotação para a proteção na intermitência e onde não cabem mais do que uns míseros 0,25% para a Cultura.

A arte e a cultura não foram nunca consideradas oficialmente como serviços essenciais durante a pandemia. No entanto, a criação artística não parou, caímos foi no erro crasso de seguir esta ideia puramente capitalista de que a única arte que importa é a que tem uma utilidade prática, a que é facilmente mercantilizada, a que serve para fazer

publicidade a produtos, a negócios ou então a de teor extremamente elitista, que se encontra fechada em museus ou teatros com preços de bilhetes inacessíveis para a maioria.

Continuam a achar que a restante arte é somente para entreter e perdemos assim tudo o que seja reflexão, construção, criação, no sentido de criar humanidade. Mas nós sabemos a importância real da arte e da cultura. A importância que, por exemplo, a arte irreverente e de protesto sempre teve na luta política, principalmente se falarmos no movimento jovem e estudantil. E também o papel fulcral que vai continuar a ter agora, em tempos de uma nova campanha eleitoral, em que o perigo eminente de uma extrema direita que tenta a todo o custo eliminar o acesso à cultura para todos paira sobre nós. Não se considerar a arte sequer como uma forma de conhecimento ou como trabalho é ignorar por completo o que é realmente a arte. Esquecem-se que não existem ideias se não houver criação, nem existirá política se não houver criação, nem existirá sociedade, se não houver criação.

Sem financiamento público, as possibilidades de criação e de acesso à cultura restringem-se. Restringem-se ao mercado. Restringem-se às desigualdades: cria quem pode, acede quem pode. Se consideramos que é importante que toda a gente - e repito mais uma vez: toda a gente - tenha acesso à arte e à cultura, que possa valer-se do que se cria e que possa criar, temos de estar disponíveis para gastar dinheiro com isso. Só assim se garante que sejam produzidas as obras de arte que falam de nós e para nós. As obras que nos marcam, com as quais aprendemos, com as quais nos construímos. Mas o que temos tido até agora é um financiamento público que nunca passou de migalhas e que parece ignorar por completo a importância de um setor inteiro, criado por milhares de pessoas e trabalhadores reais e não por casas de espetáculos vazias.

ANEXO B

Artigo completo de Mariana Durães, retirado do website do jornal Público “Há assédio sexual “nas aulas, nos cursos, na praxe” — mas a falta de denúncias faz dele um fantasma” que contou com a minha participação enquanto membro do coletivo Brigada Estudantil, para denunciar o machismo nas instituições de ensino superior.

<https://www.publico.pt/2021/08/17/p3/noticia/ha-assedio-sexual-aulas-cursos-praxe-falta-denuncias-faz-fantasma-1973649>

Rita Silva não tem dúvidas: se fosse possível manter uma queixa de assédio sexual anónima, haveria muitas mais reportadas às faculdades. A estudante de mestrado em Arte Multimédia na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, também membro da Brigada Estudantil, garante que, além da “grande desmotivação” que existe em fazer estas queixas — já que, normalmente, “não levam a nada” —, as vítimas sentem-se encurraladas, com medo das repercussões que acusar um docente pode trazer. Mas a falta de denúncias, atira, não significa que o problema não exista. Existe “nas aulas”, “nos cursos”, “na praxe”, “nas tradições académicas”. Mesmo que não o visse no dia-a-dia, enquanto estudante, via-o enquanto activista, como aconteceu quando, no Instagram da Brigada Estudantil, perguntaram aos seguidores se já tinham passado por situações de assédio. Os testemunhos recebidos foram transformados num vídeo*, feito pelo colectivo estudantil, que é um grito contra os abusos dentro do *campus* (e, idealmente, fora dele).

“Ai, caloirinhas, vocês cada vez mais novas e eu cada vez mais velho...”, disse um professor, numa aula; outro, a propósito do tema da prostituição, deu um exemplo usando o nome de uma aluna: “Imagine-se que a [nome da aluna] era prostituta. E se a [nome da aluna] fosse prostituta?”; outro disse a uma estudante, numa prova oral, que era “uma menina bonita” e que não precisava de se preocupar, porque “Direito não é um curso para mulheres de qualquer maneira”. São diversas agressões, algumas mais mascaradas do que outras, que acabam por levar a situações de ruptura: “Já fui

assediada por professores em aulas que tive de acabar por deixar de frequentar porque estava mesmo desconfortável”, escreveu uma estudante ao colectivo.

A Brigada Estudantil não é o único colectivo que procura recolher e denunciar situações. Na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, um grupo de sete alunas (Carolina Rodrigues, Marta Marmelo, Mariana Pereira, Maria de Brito, Magdolna Nagy, Sofia Monsanto e Beatriz Ferreira) “sentiu necessidade de criar o (R)evolução, por reconhecer a ausência de movimentos feministas na faculdade que abordassem um leque de questões sociais sensíveis e urgentes”. Nascido em confinamento, o grupo tem realizado essencialmente acções *online*, entre as quais relatar, através de *posts* no Instagram, casos de assédio dentro da instituição, praticados por docentes, mas também por colegas.

Um deles conta que um docente disse a uma aluna: “Estes interruptores foram feitos de propósito para que possa ver as suas pernas”; “Fui alvo de abordagens via redes sociais de vários colegas da faculdade para que mostrasse as minhas partes íntimas”, relata outra.

Estes testemunhos, afirmam as criadoras do núcleo, foram recebidos com “surpresa e choque, não só pela comunidade estudantil, mas também por alguns docentes”. “Agimos pela necessidade de mudança e como veículo para expressar e expor um tipo de comportamento que, infelizmente, já se regista na instituição há algum tempo, mas que nunca foi denunciado publicamente por falta de apoio às vítimas”, atiram. O motivo que encontram é o mesmo: “A única plataforma onde é possível fazer uma queixa oficial é através do provedor do Estudante, sendo que se trata de um processo não-anónimo, o que, compreensivamente, desencoraja muitas pessoas.”

Também o Núcleo Feminista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) fez “uma recolha de testemunhos de machismo ditos em contexto de aula ou no espaço da faculdade”, e alguns caíram no que o colectivo considerou ser assédio. Esses depoimentos foram impressos e transformados numa instalação artística, que pretendeu trazer o debate sobre o tema à baila.

“Analisando os comentários expostos nesta *performance*, verificamos alguns misóginos, humilhações através de críticas e de desprezo pelo que é feminino, mas

também racistas e xenófobos”, escreveram, no Instagram. “Testemunhos de alunas que desistiram da FAUP por assédio moral por parte de professores e pela falta de apoio da instituição e do provedor do Estudante”, continuam. “Tudo isto é tão banalizado que se vive esta humilhação na aula, ouve-se este comentário do professor, e a resposta do corpo estudantil é nula ou de sarcasmo. São vivências muito desvalorizadas e normalizadas.”

As denúncias recolhidas por estes colectivos já vão desvendando uma realidade que fica, na maior parte das vezes, escondida dentro dos muros das faculdades. Mas faltam dados que a suportem. As universidades contabilizam as queixas que lhes chegam — mas e as que não chegam a sair da sala de aula ou dos corredores? Ou as que, mesmo quando chegam aos escritórios das universidades, não saem de lá?

A identificação faz cair denúncias

São os dados do projecto Não é Não!, da Umar (União de Mulheres Alternativa e Resposta), que permitem pintar um cenário mais objectivo. O grupo inquiriu 518 pessoas que trabalhavam e estudavam (ou já tinham trabalhado e estudado) nas instituições de ensino superior de Coimbra, com idades compreendidas entre os 17 e os 62 anos — sendo que cerca de 65% tinham entre 17 e 27 anos —, e percebeu que, das 408 pessoas que se identificaram como mulheres, 94,1% já tinham sido vítimas de assédio verbal com conotação sexual. No caso dos homens, apenas 35,3% disseram ter sentido o mesmo.

O estudo mostra ainda que 59,1% dos homens declararam nunca ter sido alvo desse tipo de assédio, contra 3,2% das mulheres. 32,1% das mulheres dizem ainda ter sofrido assédio verbal uma a duas vezes por mês e 16,9% quase diariamente; no caso dos homens, os valores fixam-se nos 29,9% e 1,1%, respectivamente. E quem as pratica? As mulheres dizem que, em 97,6% dos casos, os agressores foram homens; os homens dizem que, em 58,8% dos casos, foram mulheres — e em 26,5% dos casos foram homens.

Mas à provedoria do Estudante não chega nem uma pequena parte destas situações: “As participações de assédio são raras”, refere Paulo Peixoto, provedor do

Estudante da Universidade de Coimbra, adiantando que acontecem, em média, de três em três anos. Desde que assumiu funções, em Maio de 2019, lidou “directamente com dois casos de alegado assédio sexual”: um que já decorria no momento em que assumiu funções e outro em Fevereiro de 2020. Este último foi “remetido, anonimamente, por *email*, através de um perfil fictício. O perfil era de uma estudante internacional que dizia ter sido vítima, por parte de um docente, de — em instalações da faculdade — tentativa de beijo e toque corporal forçados”, relata.

Após a denúncia, Paulo Peixoto diz ter sugerido uma reunião presencial, “garantindo o anonimato e manifestando disponibilidade para que fossem encetadas diligências”, mas acabou por não obter resposta por parte da estudante.

O outro caso, que estava a decorrer no momento em que assumiu funções, dava conta de “assédio sexual reiterado por parte de um docente” e tinha sido denunciado por duas estudantes. Essa acusação chegou mais longe: a provedora em exercício reuniu-se com o director da Unidade Orgânica para uma “reflexão conjunta sobre o que fazer com a participação” e foi designado um subdirector para proceder a averiguações preliminares. As estudantes chegaram a apresentar-se na provedoria, “solicitando sigilo, anuindo em descrever as situações por escrito”. O processo avançou até ao momento em que foram informadas de que “o ‘acusado’ tinha o direito de, pelo menos na fase final do processo, conhecer as suas ‘acusadoras’”, altura em que as estudantes solicitaram “a manutenção absoluta do sigilo, alegando uma situação profissional precária e o medo de represálias”. Caiu, assim, mais um processo.

Mas às provedorias da Universidade de Lisboa, do Minho e do Porto nem chegaram denúncias. Bruno de Sousa, provedor do Estudante da Universidade de Lisboa, refere que “nos quase oito anos” que leva a desempenhar a função, não recebeu qualquer queixa de assédio sexual. Rosa Vasconcelos, provedora do Estudante da Universidade do Minho, afiança que, desde Novembro de 2020, altura em que tomou posse, não houve casos de assédio sexual relatados à provedoria. Carlos Costa, provedor do Estudante da Universidade do Porto desde 2017, diz também não ter recebido nenhuma acusação, mas salvaguarda: “Naturalmente isto não significa que não possam existir casos que não chegam ao meu conhecimento.”

O que chega às universidades?

As denúncias feitas às universidades também são residuais. Desde 2019, a Universidade do Porto refere ter registado “quatro processos de inquérito relacionados com assédio sexual”, sendo que “um deles foi arquivado e no outro houve desistência de queixa por parte do ofendido ainda durante o processo de inquérito”. “Os outros dois processos de inquérito encontram-se ainda a decorrer, pelo que os resultados dos mesmos não são ainda conhecidos”, esclarece a Reitoria da Universidade do Porto.

A Universidade de Coimbra diz ter dado conta, no período entre 2018 e 2021, de “três sinalizações de comportamentos que poderiam ser enquadrados como assédio sexual e que mereceram o devido tratamento interno, com vista ao apuramento dos factos, não tendo logrado comprovar-se a ocorrência de assédio sexual”.

Já a Universidade do Minho diz não haver casos de assédio sexual “relatados à provedora do Estudante ou ao provedor institucional (afecto a professores, investigadores e técnicos da instituição)”, e a Universidade de Lisboa refere a existência de “muito poucas situações de assédio sexual”, mas recusa revelar quantas, afirmando apenas que “está atenta a estas situações e que segue a lei”. A Universidade da Madeira não respondeu ao pedido de informação solicitado pelo P3.

Às associações académicas também não chegam denúncias. A Federação Académica do Porto (FAP) diz não ter casos sinalizados e, por isso mesmo, não tem “nenhum plano de acção” para lidar com estas questões. O receio de fazer queixa a um órgão mais institucional já se ia adivinhando pelo facto de a FAP e a AAUL não terem recebido qualquer denúncia e os colectivos informais com quem o P3 falou registarem várias. Mas Hélder Semedo, presidente da Associação Académica da Universidade de Lisboa (AAUL), confirma-o, ao referir que as denúncias “muitas vezes partem de grupos informais”, como a Brigada Estudantil, e que as associações estudantis se dedicam mais a fazer trabalho de sensibilização, através de “conferências, mensagens ou fotografias”. Até porque, ressalva, os estudantes “falam abertamente sobre isto entre amigos, mas a denúncia não é feita por vergonha”.

“A maior parte dos casos de assédio acontece nas nossas escolas, mas muitas vezes não são perpetrados por alunos ou professores como se faz transparecer”, afirma Hélder Semedo. O presidente da AAUL fala no fenómeno de “cruising”, em que “pessoas estacionam o carro na parte de trás das faculdades depois do pôr do Sol e tentam assediar os alunos que por lá passam”. Acredita que esse é um dos principais responsáveis pelo assédio a alunos universitários.

Rita Silva, da Brigada Estudantil, discorda. Pelo menos em parte: “Concordo que há muito essa cultura de assédio, por exemplo, nas zonas de bares e residências, mas não concordo que não exista nos espaços académicos mais directos. Em aula acontecem muito. A maior parte dos testemunhos que recebemos foram exactamente de situações em aula.”

“Ainda há uma tradição muito machista enraizada nos cursos”, atira a estudante. “As praxes, as tradições académicas, os cânticos dos cursos, os jogos e piadas, a ideia de pôr-se de quatro” são alguns dos comportamentos responsáveis por “normalizar o assédio”, considera. “Muitas vezes as pessoas nem se apercebem que isso está a acontecer, só reparam nos casos mais graves, de violações ou assédio físico. Mas acho que temos de olhar para trás, para tudo o que acontece antes disso e que se normaliza ao ponto de chegarmos a essas situações.”

As faculdades, sublinha, “têm de fazer mais”: desde que os alunos lá entram — “o tipo de discurso que é permitido dentro das aulas, as piadas dos professores ou alunos” —, até à criação de estruturas de apoio que “tenham um contacto mais directo e consigam apressar o processo” de denúncia de assédio sexual. Os planos de conduta e compromisso com a igualdade, equidade e contra o assédio e discriminação que existem nas faculdades parecem não ser suficientes para responder a um problema que ainda é invisível.

Rita defende ainda “um controlo maior de todas as estruturas da faculdade, desde a direcção às associações de estudantes”, e uma menor impunidade dos professores “só porque são da casa, têm história dentro da faculdade ou são Figuras de poder na área”. O projecto Não é Não! vai um pouco mais longe e fala na necessidade

de centros de atendimento “para vítimas e sobreviventes de violência sexual e de gênero” nas próprias cidades.

O objectivo é o mesmo: criar um espaço seguro onde as vítimas possam fazer queixa, sem pôr em causa a sua integridade. E pôr a descoberto o fantasma escondido nas salas.

*vídeo em questão: https://www.instagram.com/tv/CMVVIGnh9JM/?utm_source=ig_embed

ANEXO C

Recensão sobre a obra “O Barco” de Grada Kilomba, escrita por mim para a revista da “Rede Anti Capitalista” - exemplo de uma análise a uma obra artística que representa comunidades marginalizadas e se esforça por re-contar a sua história, escrita para uma revista política pública.

Dia 17 de outubro, por entre um ambiente de expectativa que pairava sobre todos os presentes no MAAT em Belém, fizeram-se soar 4 instrumentos de percussão. De seguida, uniram-se a eles respirações profundas, desesperadas, harmonias de um coro, bailarinos que contaram histórias com os seus corpos, um poema cantado e melodias que nos remetiam a gemidos de dor durante quase uma hora na praça exterior do museu, terminando com o cair da chuva e das lágrimas de muitas das pessoas que assistiram a esta viagem.

Decorreu assim a última performance da instalação “O Barco”, da artista Grada Kilomba, nascida em 1968 em Lisboa e com ascendência de São Tomé e Príncipe e Angola. Nas suas obras, a artista aborda principalmente temas como a relação entre memória e esquecimento, o trauma, a violência, as condições e as consequências da colonização e pós-colonização e a política de género e etnia. Em “O Barco”, Grada tenta responder às questões que a acompanham em todo o seu trabalho e são normalmente silenciadas por narrativas coloniais “Que histórias são contadas? Como são contadas? Por quem são contadas?”

A artista tem como objetivo alterar o vocabulário que utilizamos para contar a História. No imaginário ocidental, um barco é associado a uma enaltação dos feitos Portugueses, uma ideia de glória que vemos sempre andar de mão dada com o tema da expansão marinha e que é descrita como “descobrimientos”. Mas tal como sabemos, um continente com milhões de pessoas não pode ser descoberto. Esta velha e primária fantasia de que um continente e as suas gentes só existem a partir da presença do colonizador foi central para as políticas europeias de escravatura durante vários séculos. E um dos mais longos e violentos períodos da humanidade, a escravatura, não pode

nunca ser apagado. O vocabulário que utilizamos apenas normaliza a brutalidade que foi vivida e que se mantém como uma ferida aberta na nossa sociedade até aos dias de hoje.

Esta narrativa de apagamento está enraizada em diversas cidades ocidentais, das quais Lisboa não é exceção, inscrita nos seus monumentos, que romantizam o passado colonial. Assim, tal como o trabalho realizado pela mudança do campo semântico, Grada repensa também as imagens que utilizamos, especificamente a imagem do Barco. Ao contrário da grande maioria das obras que temos em Portugal, este Barco não é um barco glorioso, com dimensões grandiosas ou velas coloridas. Invertendo totalmente a narrativa, Grada mostra-nos então o conteúdo que usualmente se encontra escondido: 140 blocos de madeira dispostos ao longo de 32 metros que representam os milhões de pessoas africanas que foram transportadas nos fundos das naus e escravizadas pelos impérios europeus. A forma retangular e uniforme dos blocos transporta-nos imediatamente para a ideia de túmulos, numa alusão física que dá um habitat à história de desumanização e simultaneamente fornece um lugar de reconhecimento e de repouso às milhares de pessoas escravizadas e aos descendentes das diferentes diásporas africanas.

Esta ideia mantém-se presente na criação de toda a obra, em que a artista demonstra um profundo interesse na ideia do ritual enquanto processo importante para a memória: nunca foi possível chorar estas mortes, fazer o seu merecido luto, foram pessoas forçadas a ser anónimas, apenas mais um número, como se de pura mercadoria se tratassem. Assim, Grada realizou um processo lento e delicado que a própria chama de “uma homenagem alquimista” a cada um dos blocos de madeira, que passaram pelo fogo, de seguida pela água e depois foram secados ao ar. Ao serem queimados, cada bloco obteve “cicatrizes” e uma textura única, comparável à da impressão digital da pele dos seres humanos. Assim, a madeira acabou por transmitir, tal como cada pessoa, uma história de vida, longa, distinta e única, marcada pelo tempo, acontecimentos e condicionantes de vida. Cada bloco de madeira pode assim representar o túmulo de alguém cuja vida foi despida de humanidade, e que nunca teve um espaço para ser enterrado. Alguns destes túmulos metafóricos são cobertos de versos de um poema escrito também pela artista, inscritos na sua superfície e que fazem o público interagir

mais diretamente com a obra, forçando-os a entrar no Barco para o poderem ler e a terem de se curvar sobre os mesmos, como uma vénia. Nas palavras da própria autora, “quando a história não é contada adequadamente a sua barbaridade é repetida. Torna-se um fantasma violento que interrompe constantemente o nosso presente. Esta instalação pode ser vista como um enterro público, um enterro dignificante que conta a história adequadamente. Um espaço de relembração, reconhecimento, contemplação e cerimónia – onde a memória pode ser produzida.”

Para além da obra, Grada desenvolveu também uma performance que decorreu 3 vezes durante o tempo da exposição e na qual as vozes e os corpos das comunidade da diáspora africana se tornam as intérpretes centrais, contando com um ensemble de aproximadamente 30 pessoas, artistas principalmente da periferia de Lisboa que normalmente não teriam a oportunidade de contar as suas histórias de forma tão ampla devido a todos os obstáculos que lhes são colocados no acesso ao espaço público, que deveria ser também deles por direito.

Temos então n’”O Barco” um brilhante exemplo de união entre a arte, a política e o ativismo, uma oportunidade de recontar a História dos 5 séculos de escravatura e colonialismo português tão comumente escondida, quer nos ambientes informais do nosso dia a dia, quer nos formais, começando pelas nossas escolas. A história das mais de 4,8 milhões de pessoas transportadas no fundo de barcos sem luz, alimentação condigna, ou espaço. Onde os cheiros e as doenças se propagavam e os que acabavam por falecer, quer na viagem, quer na continuação da sua exploração, eram atirados ao mar, esquecidos, sem direito a um ritual fúnebre ou sequer a um nome.